



Teologia Brasileira

Nº 101 | 2024 ISSN 2238-0388

Entendendo o centro gravitacional da discussão
sobre uso do AT no NT

Matheus Vasconcelos Marques

5

Há lugar para Israel nos planos de Deus?

Paulo Valle

29

Resenha: *História da Filosofia e Teologia Ocidental*

Willy Robert

37

Vigilância: Uma leitura textual-temporal-canônica
de Cantares 2.15

Gedimar dos Santos

47

Lançamentos

66

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Franklin Ferreira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Contato:
[teogiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, Matheus Vasconcelos destaca a complexidade do debate da análise das abordagens cristãs no uso do Antigo Testamento pelo Novo. O autor favorece a abordagem de Significado Único — Múltipla Aplicação, buscando objetividade, mas reconhece a possibilidade da abordagem *referentiae plenior* em algumas passagens.

Paulo Valle, em seu texto, destaca a convicção de que Deus tem um propósito contínuo para o povo de Israel, não apenas na escatologia, mas também na soteriologia, reconhecendo o papel fundamental do Estado de Israel na preservação desse povo.

Willy Robert, por sua vez, faz a resenha de um livro tão aguardado pelos nossos leitores *História da Filosofia e Teologia Ocidental*, de John Frame. O autor destaca a importância da obra e recomenda com entusiasmo aos amantes da boa teologia.

Por fim, Gedimar dos Santos demonstra como a ideia de vigilância está presente em Cantares 2.15 mesmo sem o verbo aparecer no versículo. Para isso ele se valeu de uma leitura textual-temporal-canônica.

Boa leitura!



Assista ao vídeo!

Nesta palestra apresentada durante o 12º Congresso de Teologia Vida Nova, Paulo Romeiro fala sobre os desafios da liderança e do ministério pastoral baseando-se na obra “O líder de carne e osso”, de Colin Buckland.

Entendendo o centro gravitacional da discussão sobre uso do AT no NT

Matheus Vasconcelos Marques



1. Introdução

Ler a Bíblia é uma das disciplinas fundamentais para qualquer cristão. No entanto, a simples decodificação das palavras e frases não possibilita ao indivíduo compreensão, utilização e reflexão sobre o que está escrito. Para que o crente possa compreender, utilizar e aplicar é necessária uma interpretação. Assim, o esforço empregado na elaboração deste trabalho objetiva levar o leitor a adquirir mais ferramentas para suas interpretações bíblicas.

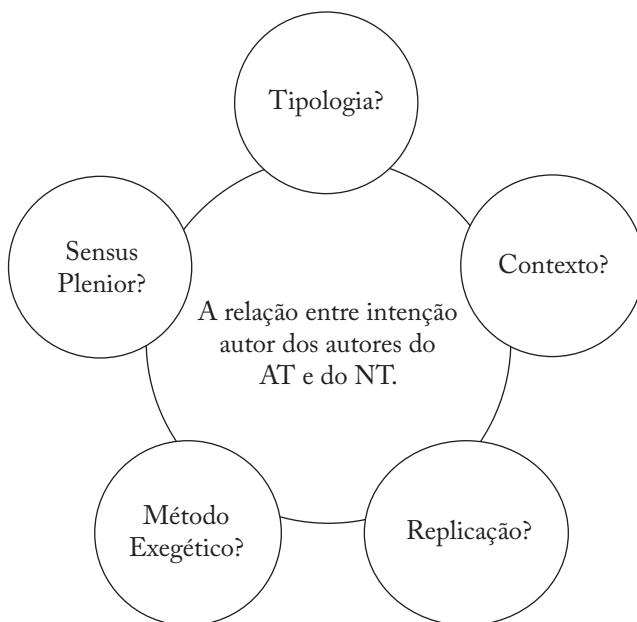
A justificativa mais plausível para um texto dessa natureza está relacionada a investida que tem acontecido nos anos recentes na interpretação bíblica relacionada a intertextualidade. A abrangência de assuntos relacionados ao tema e a complexidades das questões podem levar o estudante ao desencorajamento. É considerando isso que este trabalho se apresenta como um mapa para que o leitor não iniciado no debate possa se situar e desenvolver sua jornada.

2. O centro gravitacional da discussão e as questões que giram em sua óbita

No ano de 2008 Kenneth Berding e Jonathan Lunde, editaram o livro *Three views on the New Testament use of the Old Testament*. Nesse livro os organizadores convidaram três eruditos que possuíam visões diferentes sobre a relação entre os testamentos para apresentarem suas próprias posições e questionarem as visões discordantes. Walter Kaiser Jr, defendeu a visão conhecida como *Significado Único - Múltipla Aplicação*; Darrell Bock ficou responsável por pleitear em favor da compreensão de *Um significado, múltiplos contextos e referentes*; Peter Enns contribuiu com a obra com a exposição da visão *Significado mais completo, objetivo único*. Mais adiante neste trabalho será apresentada com maior riqueza de detalhes essas visões. Para agora, no entanto, faz-se necessário apresentar aquilo Lunde chamou de o centro gravitacional da discussão.

Parte da complexidade dos estudos da intertextualidade está relacionada a quantidade de perguntas que o estudante precisa responder enquanto pesquisa os diversos usos do AT no NT. De acordo com Silva e Andrade algumas questões “trabalham um tema atomicamente, outras, contudo, trabalham perguntas que sobrepõem temas relacionados como se fossem uma única coisa.” (2021, p.163) Os autores colocam as seguintes perguntas: uma vez que há uma transposição do texto para um contexto bem diferente daquele que foi escrito originalmente? Não haveria nenhuma mudança de significado com a mudança de contexto? Todo o sentido posto no AT é trazido para o NT quando há citação ou alusão? Depois concluem que os temas significado e contexto são sobrepostos, pois como eles mostram: “um não pode ser respondido sem o outro, contudo, deve-se notar que apesar de o contexto dar os limites do significado de uma passagem, ele per si não é o significado” (2021, p.163) Assim, os estudiosos apontam para a necessidade de se encontrar questões gerais que possibilitem aos estudantes se situarem no escopo da disciplina e partirem em busca de uma organização mais sistemática e didática. Para Lunde (2008) essas questões orbitam em torno do seguinte núcleo: A relação entre intenção autoral dos autores do AT e do NT. Conforme se vê no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Centro gravitacional da discussão.



Elaborado por Lunde (2008).

A primeira questão colocada por Lunde (2008) diz respeito ao Sensus Plenior, na qual Lunde deseja saber se essa é uma maneira adequada de explicar o uso do AT pelo NT. Ele coloca da seguinte maneira:

Nossa primeira questão orbitante diz respeito à possibilidade de múltiplas camadas de significado nas próprias palavras das escrituras. Para resolver o aparente atrito entre as intenções dos autores do AT e do NT, alguns apelam para um significado “mais completo” da Escritura divinamente intencionado que é discernido pelos autores inspirados do NT - o chamado sensus plenior (lit., o “mais completo” senso”) (2008, p. 13).

A segunda questão é a seguinte: como a tipologia pode ser mais bem compreendida? A palavra tipologia deriva da palavra τύπος no grego que significa padrão ou modelo (ARNDT et al, 2000, p.1020). No entanto, a questão não pode ser resumida ao seu significado etimológico. Esse tratamento é útil apenas para

menção inicial, tendo em vista que usamos várias palavras com um sentido alheio a ela e há o perigo de cometer a falácia do radical. Essa tem sido uma das questões mais espinhosas dos estudos sobre os usos do AT no NT.

O aspecto importante da tipologia para nossos propósitos tem a ver com a relação entre a referência tipológica e aquilo que o autor humano pretendia. Declarado em forma de pergunta: O elemento prospectivo divinamente intencionado na tipologia é conhecido pelo autor humano original, ou isso é apenas verificado retrospectivamente do ponto de vista do autor do NT? Como a maioria afirmaria que o sentido tipológico não é discernido por meio da investigação histórico-gramatical, que se preocupa com o significado claramente pretendido pelo autor, como essa referência adicional se relaciona com o sentido original da passagem? Como é o caso de cada uma dessa questões chamadas orbitantes, há uma variedade de opiniões aqui.

Segundo Baker, podemos dividir em duas categorias as definições de tipologia no debate moderno: aquelas que (1) compreendem definições centrando na ideia de “prefiguração” e aquelas que (2) compreendem definições centrando na ideia de “correspondência” (BAKER, 1994, p. 315).

Na primeira categoria pode-se apresentar o nome G. K. Beale que definiu a tipologia como “o estudo das correspondências analógicas entre verdades reveladas acerca de pessoas, fatos, instituições e outros elementos no âmbito do plano histórico da revelação especial de Deus; correspondência essa que, do ponto de vista retrospectivo, são de natureza profética e têm sentido intensificado” (BEALE, 2013, p.36). Ele aponta como elementos essenciais de sua definição do tipo os seguintes tópicos: (1) correspondência analógica, (2) historicidade, (3) caráter prenunciativo, (4) intensificação e (5) retrospecção (BEALE, 2013, p.36). Em Bock (2008) se vê algo semelhante, para ele a tipologia precisar considerar o aspecto profético.

A classificação de tipologia de Bock considera que uma tipologia pode ser tipológica-PROFÉTICA ou TIPOLOGICA-profética. Na primeira, há uma referência histórica de curto prazo e ainda assim as promessas do padrão precisam ser preenchidas para serem totalmente cumpridas. A passagem exige cumprimento adicional, porque a Palavra de Deus é verdadeira. Na segunda, o padrão não é antecipado pela linguagem, mas é visto quando o padrão último acontece. Somente então, a conexão se torna clara. Assim, a tipologia é uma categoria pro-

fética, porque Deus designou um referente. Mas funciona de maneira diferente da categoria anterior, pois os padrões não são antecipados ou procurados até que o cumprimento torne o padrão aparente. (2008)

Dentre aqueles que consideram o tipo como correspondência estão Slusser e Alburquerque. Para Slusser um tipo pode ser definido da seguinte maneira:

Tipologia é o estudo dos padrões divinamente planejados pelo Deus Soberano enquanto trabalha na história humana para realizar os seus propósitos. No progresso da revelação, uma situação histórica anterior se torna um padrão (tipo) que se repete e corresponde com uma situação na vida e ministério de Jesus Cristo (antítipo), desta forma, ele “cumpre” o padrão anterior de uma maneira claramente identificável e intensificada. (SLUSSER apud ALBURQUERQUE, 2022, p. 19)

É importante observar que Slusser oferece critérios mais objetivos para se reconhecer os tipos e seus respectivos antítipos. São eles: (1) correspondência substancial; (2) historicidade; (3) intensificação; e (4) identificabilidade. Alburquerque falando sobre tipos fez as seguintes pontuações:

Tipo não é uma predição, mas uma simples pessoa, evento ou instituição registrado como um fato histórico, sem nenhuma referência ao futuro. Tipologia, desta forma, não é uma alegoria sendo que está embasada na história e assim não se desvia dos personagens históricos aos quais se referem. Tipologia não é exegese, mas uma aplicação específica de uma realidade histórica anterior. Profecias são conhecidas, compreendidas e repassadas dessa maneira pelo autor humano do AT. Mas a tipologia é uma perspectiva do NT que não é conhecida pelo autor do AT. Um tipo não é uma previsão. Consiste essencialmente em olhar para trás e discernir exemplos anteriores de um padrão que agora atinge seu ponto culminante. Não há indicação em um tipo, de qualquer referência direta ao futuro; ele é completo e inteligível em si mesmo. Não há indicação de que o autor tivesse tal intenção. É uma questão de aplicação, não de exegese. Se perguntado, o autor do AT não saberia que era um tipo. O fato de o NT ver um evento do AT como um tipo não esclarece sua interpretação em seu contexto do AT. A tipologia não é uma via de mão dupla. (2022, p. 19)

O que se vê em Albuquerque é a afirmação categórica da impossibilidade de predição por parte de tipo. A visão de correspondência apresenta categorias de análises mais verificáveis e objetivas, conservando com mais grau de clareza o significado do primeiro texto.

A terceira questão quer saber se os escritores do NT levam em conta o contexto das passagens que citam? Ao responder essa pergunta os estudiosos podem tocar em doutrinas fundamentais da fé cristã. Como por exemplo, se os autores do NT não levaram em conta o contexto do AT, por que os cristãos deveriam fazê-lo? Feito pergunta Zuck (1994), se existem discrepâncias entre o AT e as citações no NT, podemos continuar confiando na inerrância? Por isso, perguntar se autores do NT encontraram significados que seriam estranhos ao AT é tão importante.

Silva e Andrade afirmam “esta pergunta é fundamental, porque se sim, os próprios autores neotestamentários colocariam em xeque a confiabilidade do texto bíblico, podendo a abordagem deles ser considerada até mesmo um tipo de *reader-response*.” (2021, p.163) Moo faz o seguinte questionamento “como podemos conceber uma completa veracidade aos escritos que parecem compreender ou aplicar incorretamente aqueles textos dos quais eles derivam a autoridade e a argumentação para muitas de suas assertivas básicas e ensinos?” (Moo, 2018, p. 197). Silva e Andrade afirmam “note a relação sentido do texto-doutrina da inerrância nas perguntas. A doutrina da inerrância – de que a Bíblia é completamente verdadeira em tudo o que ensina – requer que o sentido que o autor neotestamental recupera do AT esteja realmente lá.” (2021, 164)

A quarta questão está relacionada à se uso de métodos exegéticos judaicos pelos escritores do Novo Testamento explica o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. Em outras palavras, seu uso do AT pelo NT se assemelha às maneiras pelas quais as Escrituras foram empregadas em Qumran, por Filo ou Josefo, ou nos escritos rabínicos subsequentes? Embora alguns desses métodos representem uma abordagem de senso comum ao texto e pareçam legítimos aos intérpretes modernos, alguns deles permitem uma liberdade substancial ao intérprete na modelagem e aplicação do texto.

Os métodos do segundo templo mais conhecidos são os *pesher* e o *midrash*. O *midrash* é um método que começa com as Escrituras, mas que procura explicar significados ocultos e embutidos, mergulhando no espírito do texto para contemporizá-lo, derivando significados que não são imediatamente óbvios. (LON-

GENECKER, 1976, p. 32) Essa foi sem dúvida o método interpretativo mais recorrente entre os Judeus. A palavra hebraica “midrash” deriva de uma outra cujo significado é “procurar.” Nessa abordagem o texto é o ponto inicial e, a partir daí, procura-se uma aplicação prática para o fiel. Para isso, os intérpretes seguem regras interpretativas acordadas que vão desde princípios óbvios até aqueles que permitem interpretações mais imaginativas¹. A máxima básica do midrash é ‘isso (texto) tem relevância para isso (uma determinada área da vida)’; ou seja, o que está escrito nas Escrituras tem relevância para nossa situação atual.

Outra escola de interpretação do judaísmo do segundo templo é conhecida como *pesher*. Essa prática não intenta explicar o texto, apenas mostrar onde ele se encaixa. A palavra aramaica “*pesher*” significa “solução”. A pressuposição básica desse método interpretativo é de que o texto contém um “mistério” comunicado por Deus que não pode ser entendido até que a solução seja encontrada por um intérprete inspirado. Esse método visa descobrir o significado, não o aplicar. *Pesher* inicia por uma pessoa ou evento ao invés do texto em si e diz “isso (pessoa ou evento) é aquilo (o que a escritura diz). O *pesher* é especialmente visto na literatura de Qumram.

O debate aqui se desenvolve à medida que os estudiosos argumentam em favor ou não do uso dos métodos exegéticos do judaísmo do segundo templo.

A última questão que orbita em torno do centro gravitacional é: Somos capazes de replicar as abordagens exegéticas e hermenêuticas do Antigo Testamento que encontramos nos escritos do Novo Testamento? Se esta quinta questão for respondida afirmativamente, a mesma questão sobre a relação entre os significados dos autores do AT e do NT passará agora para a relação entre os significados dos autores do AT e os intérpretes modernos. Como Lunde aponta a órbita desta quinta questão, portanto, está mais afastada do centro (2008, p. 33).

As opções postas podem mudar drasticamente os rumos da interpretação. Se alguém chegar à conclusão de que os escritores do NT fizeram uma exegese histórico-gramatical, então não deveria haver nenhuma razão para inibir os intér-

¹Neusner chama essa forma de midrash “parafrase”: “O exegeta parafraseava as Escrituras, impondo novos significados pelas escolhas de palavras ou mesmo adicionando frases ou sentenças adicionais e assim revisando o significado do texto recebido” (Jacob Neusner, *What Is Midrash?* [Guides to Biblical Scholarship: NT Series; Philadelphia: Fortress, 1987], 7). O significado do texto é assim obscurecido porque a fronteira entre texto e comentário é extinta.

pretes modernos de replicar o trabalho, pelo contrário, eles devem ser estimulados a seguirem.

Outra opção é reconhecer o único e autoritário papel que os escritores inspirados do NT desempenham em sua interpretação e lida com o texto do AT. Como intérpretes pós-período apostólico não compartilham da mesma autoridade, não se deve tentar seguir os autores do NT no uso de Procedimentos exegéticos do Segundo Templo (por exemplo, pesher, midrash) em sua própria interpretação e aplicação do AT.

Considerando o que foi acima, portanto, pode-se concluir essa seção apresentando a tabela que Berding fornece para resumir como três visões dentro do debate sobre o uso do AT no NT respondem a cinco perguntas que o autor apresenta como centro gravitacional da discussão:

	KAISER²	BOCK³	ENNS⁴
<i>Sensus plenior</i> é uma maneira apropriada de explicar o uso do AT no NT?	não, pois tudo que é afirmado na passagem do AT precisa ter feito parte do significado pretendido do autor humano.	Sim, mas apenas no sentido limitado. Ele reconhece que os escritores do AT nem sempre puderam ver cumprimentos que surgem mais tarde.	Sim, porque Cristo como o Telos mantém tudo junto. Isso, porém, não é o caminho para resolver a “tensão hermenêutica”

²Seu histórico de vida e seu preparo acadêmico lhe conferem a qualificação necessária para enfrentar tão grande empreitada. Kaiser obteve seu mestrado e doutorado na Brandeis University, na área de Estudos Mediterrâneos. Ele mesmo nos informa que foi aluno de Samuel J. Schultz e R. Laird Harris. Por mais de vinte anos, trabalhou como professor de Antigo Testamento no Trinity Evangelical Divinity School. Foi também presidente do Gordon-Conwell Theological Seminary.

³Ele é Diretor Executivo de Engajamento Cultural no The Hendricks Center e Professor e Pesquisador Sênior de estudos do Novo Testamento no Dallas Theological Seminary (DTS) em Dallas, Texas , Estados Unidos. Bock recebeu seu PhD da Universidade de Aberdeen , na Escócia.

⁴PhD, pela Harvard University. Ensinou Antigo Testamento no Westminster Theological Seminary, na Filadélfia, por quatorze anos. Ele é um colaborador frequente de periódicos e enciclopédias, e é autor de vários livros, incluindo Exodus in the NIV Application Commentary series pela Zondervan e Inspiration and Incarnation: Evangelicals and the Problem of the Old Testament pela Baker.

<i>E as tipologias, existem?</i>	Sim, mas deve ser visto pelo autor original e possuir “ indicação divina” de que é um tipo.	Sim, é fundamental para a resolução de casos difíceis; pode ser prospectivo ou retrospectivo.	Sim, mas novamente não é a maneira de resolver a hermenêutica tensão.
<i>Os escritores do NT levam em conta o contexto das passagens citadas?</i>	Sim, tanto o contexto literário imediato quanto contexto “ promessa-plano” são importantes.	Sim, o “ contexto exegético” imediato é utilizado, mas o “ contexto canônico” é a chave.	Às vezes sim e às vezes não.
<i>O uso dos métodos exegéticos judaicos explica o uso do AT no NT?</i>	Não, essas comparações são equivocado.	Às vezes sim, mas é um uso limitado pelo compromisso dos autores do NT por uma leitura canônica.	Sim, e isso é a questão central na discussão.
<i>Podemos replicar a abordagem exegético-hermenêutica encontrada nos escritos do NT?</i>	Sim, porque os autores do NT são intérpretes cuidadosos apenas como deveríamos ser.	Sim, especialmente o apelo sobre temas canônicos.	Sim, mas menos em termos de seus métodos exegéticos e mais em termos de seu objetivo “ cristotélico”.

3. Visões sobre o uso do AT no NT

Essa segunda seção, tem por propósito apresentar as várias abordagens cristãs sobre o uso do AT no NT. É importante que se diga que o esforço deste autor se concentrará nas visões em si, contudo alguns de seus representantes também serão introduzidos. Reconhece-se que nesse trato não se pretende dar conta das complexidades que envolvem a questão, pois é possível que uma mesma visão possa apresentar diferenças. Por isso, este autor ressalta que a presente exposição pretende ser apenas uma apresentação introdutória. Contudo, ela será útil para introduzir o leitor e poderá apontar caminhos para aqueles que pretendem se aprofundar no assunto.

3.1. Significado Único — Múltipla Aplicação

A abordagem do significado único defende que só há um sentido para os textos do AT e este era conhecido por ambos: autor divino e humano. Segundo os seus

proponentes, os autores do AT “possuíam uma compreensão do que estavam escrevendo, que era suficientemente adequada para perceberem as implicações e os resultados daquilo que estavam dizendo” (KAISER, 2021, p.142). Para essa posição o autor humano sabia o significado completo do que ele escrevia e que todo uso posterior foi feito respeitando o contexto original. Por isso, essa abordagem também é chamada de uso contextual consistente do AT pelos escritores do NT. A diferença, no entanto, entre os profetas que anunciaram os acontecimentos futuros e os cristãos que vivem após o seu cumprimento é ilustrada por Douglas Stuart mediante o exemplo de dois homens que escutam a descrição de um determinado lugar: um deles esteve no local e consegue compreender melhor os detalhes da exposição do que aquele que ainda não esteve, mas ambos entendem o que é comunicado. (1980, p.12)

Os principais representante acadêmico dessa visão são Walter C. Kaiser e Douglas Stuart. Kaiser defendeu sua posição no livro *The Uses of the Old Testament in the New* e Douglas Stuart no *Old Testament prophet's self-understanding of their prophecy*.

No que diz respeito à crença de que há apenas um significado para um texto da Escritura. Ryle declarou:

Eu defendo que é um modo muito perigoso de interpretar as Escrituras, considerar tudo o que as suas palavras podem ser distorcidas a significar, como uma interpretação legítima das palavras. Eu me posiciono, sem dúvida, de que há uma poderosa profundidade em toda a Escritura, e que, no que diz respeito a isso, ela é única. Mas, eu também defendo que as palavras das Escrituras pretendiam ter um sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deveria ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele. Eu acredito que, como regra geral, as palavras das Escrituras pretendem ter, como todas as outras línguas, um significado claro e definido, e que dizer que as palavras realmente significam uma coisa, simplesmente porque elas podem ser distorcidas em direção a esse significado, é uma maneira muito desonrosa e perigosa de lidar com as Escrituras. (1953, p. 383)

Comentando a citação de Ryle, Kaiser afirma, “Eu não poderia concordar com mais entusiasmo; pois isso tem se tornado o padrão pelo qual eu não só interpreto o texto como um professor bíblico, mas é a mesma visão que eu pres-

siono urgentemente outros evangélicos a adotarem.” (2009, p.46) Essa citação foi a base para o resto da defesa da posição uso do significado único.

É preciso compreender como um importante fator para essa visão a crença que os escritores do NT respeitaram fielmente à intenção autoral das passagens do AT que eles citavam. Como disse Bock (1985b, p. 306): “O que o profeta pretendia, Deus pretendia; e ele não pretendia nada mais do que o profeta”. O fundamento teórico desta abordagem é que se “hermenêutica for ter validade, então tudo que é afirmado na passagem do Antigo Testamento precisa ter feito parte do significado pretendido do autor humano” (BOCK, 1985a, p. 210). Assim, os proponentes dessa visão rejeitam qualquer separação entre o significado pretendido pelo autor divino e pelo autor humano.

A ideia é que existe uma ligação entre o significado das passagens do AT citadas e como os autores do NT as usam. Desta feita, os escritores do NT usaram o AT contextualmente e de acordo com a intenção autoral dos autores do AT, como descoberto pela hermenêutica histórico-gramatical. Sobre isso Vlach falou:

Essa abordagem leva em consideração os conceitos de tipologia, teologia informadora prévia, uma esperança messiânica específica e representação corporativa na qual um representa muitos. Se entendermos o significado desses conceitos e que os escritores da Bíblia estavam se confiando nestes, então, muitas das supostas usos não contextuais do AT se mostrarão como sendo contextuais. (2022, p.32)

É importante ressaltar que os seguidores dessa visão reconhecem que nem toda intertextualidade entre o AT e NT irão imediatamente fazer sentido para os leitores modernos ou mesmo serão identificadas. Contudo, eles argumentam “quando o AT e a sua teologia informativa, da qual as pessoas do NT estavam cientes, são levadas em conta, ficará evidente que os escritores do NT estavam usando o AT de uma forma contextual.” (VLACH, 2022, p.32) O caminho estabelecido, portanto, é: análise exegética do AT em seus próprios termos e então comparar as conclusões dos autores do NT chegaram e se sua construção se apresenta como uma aplicação do AT ou uma reinterpretação, deixando claro que, para essa visão, nunca haverá reinterpretação ou acréscimo de sentido.

A consequência natural do que foi posto acima leva os teóricos a afirmarem que os escritores do NT não usam o AT de formas completamente estranhas às intenções dos escritores do AT. Vlach comentando a questão afirmou:

Os escritores do NT não revelam ou adicionam significados novos ou diferentes a passagens do AT ou alteram/transcendem os significados originais do AT. Existe uma clara distinção entre o significado do texto e a aplicação do texto. O significado é um, e se refere à intenção autoral do autor humano inspirado por Deus, enquanto a aplicação pode ser variada ou existir muitas. Em outras palavras – um texto pode ter um significado com diversas aplicações. Não é necessário para os autores do AT saberem de todas as implicações ou aplicações dos seus textos por outros autores bíblicos, entretanto, quando os escritores do NT usam passagens do AT, esses usos são consistentes com as intenções dos autores humanos do AT. (2022, p.33)

Ao expor a abordagem dessa forma Vlach aponta para a necessidade de distinção entre uma aplicação de uma exegese. Sobre essa questão Kaiser falou acertadamente: “Muitas profecias têm um desdobramento de aplicações ou cumprimentos como forma de assegurar que a palavra seja mantida viva enquanto aguarda pelo cumprimento final, mas todos esses desdobramentos compartilham de um mesmo sentido”. (2008, p.153)

Embora reconheçam a convergência do autor divino e do autor humano, eles não reconhecem qualquer significado pretendido por Deus que esteja escondido ou que vá além do que autor humano pretendeu como sugerindo uma espécie de *sensus plenior*. No que se refere ao *sensus plenior* definido por Raymond Brown, Kaiser (2008, p.48) questiona: “Como Brown tira o sentido pretendido das mãos dos autores humanos que estavam no conselho de Deus, a pergunta é: em cujas mãos agora o tribunal final de apelação repousa por descobrir o significado autoritativo de um texto bíblico?”. Note que o receio que subjaz seu pensamento é quanto à autoridade da Bíblia. Seu receio é de que abrindo a porta para um sentido mais amplo, também se abrirá para arbitrariedade e desconsideração da exegese histórico-gramatical. Moo (2018, p. 233) declara que “ninguém tem voltado mais atenção às implicações do uso do AT no NT para a inspiração e à inerrância do que Walter Kaiser Jr”.

Na visão do significado único o que o autor humano pretende através do que ele escreve é exatamente o que Deus pretende totalmente que ele comunique. Dessa forma não há necessidade de procurar qualquer significado divino além do que o autor humano queria dizer por que o que Deus pretendia comunicar está posto e

pode ser encontrado na intenção inspirada do autor humano. Negar isto é adicionar subjetividade desnecessária ao processo interpretativo já que se abre a possibilidade de encontrar um significado que não pode ser alcançado ao se estudar o texto. Conforme Vlach reconhece corretamente “as Escrituras envolvem ‘escritos’ e se existe significado além dos escritos isso traz questionamentos no que diz respeito à natureza das Escrituras e abrem a Bíblia a especulações subjetivas desnecessárias sobre as quais não há autoridade para julgar.” (2022, p.35) Adeptos dessa visão do uso significado única afirmam que quando Deus quer dar revelação posterior, Ele o faz na forma de Escritura posterior inspirada que se harmoniza com a revelação anterior. Deus pode e irá oferecer revelação adicional quando Ele quiser.

Como mencionado anteriormente, essa abordagem afirma ser consistente com a revelação progressiva na qual os primeiros escritos e suas formulações são utilizados pelos autores posteriores. A isto chamados de intertextualidade. Esse termo foi definido por Chou da seguinte maneira: “significa a maneira como os escritores bíblicos fazem referências a outras partes das Escrituras. Mais especificamente, refere-se à maneira como os autores inspirados explicaram revelações anteriores ao escreverem seus textos.” (2021, p.11) A partir disso questões teológicas são erigidas e a resolução envolve conceitos como solidariedade corporativa na qual um cabeça representativo representa muitos. Isso é encontrado no conceito de “semente” o qual pode ter tanto um aspecto individual e um aspecto de “muitos”. Também envolve uma esperança messiânica específica na qual os santos do AT esperavam um libertador vindouro.

Da mesma forma, essa visão acredita que a revelação posterior se desenvolve sobre a revelação anterior, mas não a reinterpreta. Ela também reconhece a presença de tipologia na qual pessoas, eventos e instituições do AT correspondem a pessoas e eventos do NT. A presença de tipologia, entretanto, não significa que o NT reinterpreta o AT, nem implica que o significado do NT se torna aquele do AT. (BEALE, 2012) O NT não reinterpreta, espiritualiza, transforma ou redefine o significado de passagens do AT.

Em resumo, os autores do NT podem aplicar as passagens do AT de várias formas e conceitos como solidariedade corporativa, tipologia, esperança messiânica e teologia prévia devem ser levados em consideração. Contudo, os autores do NT não citam o AT fora de contexto ou de maneiras inconsistentes com o significado original. Sobre a visão do significado único de Kaiser, Moo diz:

“Uma vez que se leva em consideração de forma suficiente o contexto teológico, e o contexto teológico do Novo Testamento é similarmente entendido em toda a sua riqueza, discrepâncias aparentes entre o significado de um texto do Antigo Testamento e o significado dado, aquele texto no Novo Testamento desaparece.” (2016, p.199)

Comentando sobre um benefício em potencial desta perspectiva, Kenneth Berding declara, “É a abordagem que mais satisfaz diretamente a inclinação de muitos leitores de que deve haver uma conexão direta entre uma profecia e a sua realização.” (BERDING, 2009, p. 241)

3.2 Abordagem Sensus Plenior

Para a abordagem do *sensus plenior* os autores do NT foram capazes de olhar para o AT e perceberem outras camadas de significado que não necessariamente o autor original acessou. Isso seria possível devido aos autores do NT estarem em um momento mais avançada da história da revelação. Assim, nesta posição existem dois níveis de significado. O primeiro é o significado pretendido pelo autor humano, aquilo que é chamado de intenção autoral. Esse significado é o que está posto. O segundo significado é aquele mais profundo, o significado divino. Este estava escondido e é mais completo do que o primeiro. O termo *sensus plenior* vem do latim e quer dizer ‘sentido mais completo’.

Peter Enns defende essa abordagem e afirma que devido a autoria final de Deus “há um sentido mais completo para o AT do que o que Deus revelado aos autores do AT, mas que o próprio Deus pretendia ser manifestado em Cristo”. (Enns, 2008 p.205) Para ele (2008) a intenção autoral não esgota o significado de uma passagem do AT. Embora, o autor tenha sido inspirado por Deus e o texto seja útil para as questões de seus dias, há um *sensus plenior* conhecido por Deus, que, somente, será compreendido até que seja revelado na vinda de Cristo.

Para Enns o uso do AT no NT não deveria ser compreendido como simplesmente uma aplicação. Feito o próprio autor afirma:

A distinção entre aplicação e significado é útil e importante em certas áreas, com certeza,, mas não acho que seja de utilidade geral quando o tópico se volta para o uso do AT no NT. Não acho que Paulo em Gálatas 3 ou Mateus em

Mateus 2 estivessem dizendo: “Aqui está uma maneira possível de aplicar o AT a Jesus”. Em vez disso, na minha opinião, eles estavam abrindo a cortina e nos permitindo ver um grande mistério, a saber, as profundezas em que Jesus de Nazaré é o clímax da história de Israel. A distinção aplicação/significado pode ajudar a proteger os autores do NT contra a acusação de empregar hermenêutica aleatória, subjetiva ou ilegítima, mas o que se perde no processo é precioso demais. Em vez disso, parece-me que os autores do NT estão submetendo o AT a autoridade do Cristo crucificado e ressuscitado, aquele em quem o povo de Deus e, portanto, a Escritura que conta sua história, agora encontra sua coerência. (2008, p. 205)

Raymond Brown (1928-1988) foi o teólogo católico que escreveu a importante obra para explicar o *sensus plenior* intitulada *The Sensus Plenior of Sacred Scripture*, nela o Brown definiu o conceito da seguinte maneira:

O sensus plenior é aquele significado adicional e mais profundo, pretendido por Deus, mas não claramente pretendido pelo autor humano, que se vê existir nas palavras de um texto bíblico (ou grupo de textos, ou mesmo um livro inteiro) quando são estudados à luz da revelação ou desenvolvimento adicional na compreensão da revelação (1955, p. 92).

Fica claro, na definição de Brown, que o sentido mais completo é um significado adicional compreendido como mais profundo: isso é evidenciado pela palavra plenior. É um significado pretendido por Deus, fato que leva Brown a chamá-lo de sentido da Escritura. Para o autor “uma vez que Deus é o principal autor da Bíblia, tudo o que Ele pretendia expressar por suas palavras é verdadeiramente um sentido bíblico, quer o autor humano o tenha pretendido ou não” (1955, p. 92). Esses significados escondidos e mais completos são supostamente descobertos “à luz de revelação adicional” ou de “desenvolvimento no entendimento da revelação.” Para essa visão é a revelação do NT que permite ao estudante que desenterre ou descubra os significados escondidos e mais profundos que já existem nas passagens do AT. Fato que os leva a empregar uma primazia hermenêutica ao NT em detrimento do AT.

Ainda sobre a definição de Brown, é importante que se diga que para o autor o *sensus plenior* pressupõe o sentido literal da passagem e é um desenvolvimento

desse sentido literal. Assim, a maneira pela qual se busca a certeza de que algum significado mais profundo é realmente um *sensus plenior* legítimo, é mostrando sua conexão com o sentido literal, do qual o *sensus plenior* é uma evolução.

As palavras finais ‘desenvolvimento adicional no entendimento da revelação’ são postas de modo a inserir tanto o AT quanto o NT dentro do escopo do *sensus plenior*. Para o Brown a revelação posterior do AT poderia trazer o *sensus plenior* sobre eventos que a precederam. No entanto, o autor afirma que a grande chave para o *sensus plenior* do AT é Cristo.

Para J.I Packer, que é considerado um expoente evangélico dessa visão, o *Sensus Plenior* é construído sobre o alicerce da intenção autoral. De acordo com Packer “apesar de que Deus pode ter mais a dizer para nós de cada texto do que o autor humano pretendia, o significado de Deus nunca é menos que isso. O que ele quer dizer, Deus quer dizer.” (1977, p.148). É importante perceber que com esse comentário Packer tenta fechar as portas para a interpretação alegórica.

Douglas Moo (2018) coloca que o autor humano poderia compreender o *sensus plenior* ainda que vagamente e ressaltar a necessidade dos sentidos (humano e divino) serem relacionados. A questão da alegoria vem a ser um ponto de divergência dentre os proponentes dessa visão fato que leva os estudiosos a considerem que Packer se mantém dentro do método histórico-gramatical⁵. Nas próprias palavras de Packer:

Se, como em um sentido é invariavelmente o caso, o significado e a mensagem de Deus por meio de cada passagem, quando colocados no seu contexto bíblico total, excedem o que o escritor humano tinha em mente, esse significado ulterior é apenas uma extensão e desenvolvimento do sentido do autor, uma extração de implicações e um estabelecimento de relacionamentos entre suas palavras e outras declarações bíblicas, talvez posteriores, de um modo que o próprio escritor, pela natureza do caso, não poderia fazer. [...] O ponto aqui é que o *sensus plenior* que o texto adquire no seu contexto bíblico mais amplo permanece uma

⁵veja, Valney Veras e Diego Pereira de Andrade. Uma Proposta Dispensacionalista Do Uso Do Antigo No Novo Testamento. 2021, p. 160 e ABDALLA NETO, Tiago. O uso do TANAKH no discurso parenético-escatológico de Hebreus: um estudo de caso das alusões e citações de Deuteronômio e Ageu em Hebreus 12: 14-29. 183f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia. 2012. p. 25.

extrapolação sobre o plano histórico-gramatical, não uma nova projeção sobre o plano da alegoria (PACKER, 1975, p. 6-7)

Packer usa o termo “extrapolação”. Esse termo significa que existe a possibilidade de se tirar uma conclusão com base em dados reduzidos. Por causa da ligação que Parker faz entre o *sensus plenior* e “plano histórico-gramatical”, o que está sendo inferido do significado escondido está relacionado com a passagem do AT. O significado não está baseado no “plano da alegoria”. Também importante é a menção de Packer de que Deus pode pretender mais do que o autor humano pretendia, porém, “o significado de Deus nunca é menos que isso”. Isso parece destacar a ideia de que a revelação posterior do NT está reinterpretando ou transcendendo uma revelação anterior do AT.

3.3 Significado único, múltiplos contextos e referentes

Uma terceira posição que se pretende apresentar neste trabalho é chamada de ‘Significado Único, Múltiplos Contextos E Referentes’. Esta visão concorda com a proposta de Kaiser e Stuart afirmando a natureza singular do significado pretendido pelo autor do AT e do NT quando os textos do AT são citados no NT. Apesar dessa unidade essencial de significado, no entanto, para os proponentes dessa visão as palavras do autor do AT podem assumir novas dimensões de significado e podem ser aplicadas sem que se incorra em alegoria ou outros tipos de erros a novos referentes e novas situações à medida que os propósitos de Deus se desdobram no contexto canônico mais amplo, mesmo referentes que muitas vezes não estavam nas mentes dos autores do AT quando escreveram seus textos. Darrell Bock é quem defende essa visão. Ao que parece Bock tentou procurou fazer uma simbiose entre as posições.

Muitas vezes, esse debate [uso do AT no NT] envolve a escolha entre uma leitura “exegética” do texto – na qual o autor preserva o sentido gramatical-histórico da intenção do autor original - e uma leitura teológica do texto - que percebe o eventual significado daquele texto à luz do desenvolvimento teológico canônico do assunto do texto – devemos escolher uma dessa abordagens em detrimento da outra? na verdade, um reconhecimento da natureza da dupla autoria, o progresso da revelação e o uso de padrão muitas vezes torna essa escolha desnecessária, uma

vez que ambas as abordagens geralmente funcionam. além disso, reconhecer que o texto pode ser lido de duas maneiras legítimas ajuda a resolver vários problemas que inicialmente parecem mais assustadores. (BOCK, 2008, p. 115)

Para Bock o contexto original de uma passagem do AT desempenha um papel chave em estabelecer os parâmetros de como um texto é usado, porém, isso não é sempre o único fator. (2008, p.106) Parece que, para Bock, existe um significado estável encontrado no contexto do AT que é a fundação para o significado daquela passagem, contudo, passagens anteriores se tornam mais claras à medida que uma revelação posterior chega. Pode também haver “novos referentes” à medida que novos contextos e revelações são desdobradas. (2008, 114) Ele argumenta, então, que pode haver duas formas de ler a Bíblia – “histórico-exegética e teológico-canônica”. (2008 114) Portanto, deve haver uma abordagem ‘ambos/e’ e não um ‘ou um ou outro’ na questão do uso do AT no NT. A “exegética” não deve ser colocada contra a “teológica-canônica”, já que ambas podem ser harmonizadas

Para Bock algumas vezes o texto do AT olha para o futuro; contudo, mais frequentemente Deus faz promessas e a retrata naquilo que o autor chama de ‘evento espelho’. O qual acontece primeiro dentro da história contemporânea ao evento para que a promessa apresente um padrão da atividade de Deus na história e isso tudo irá apontar para o evento maior o ‘evento’ Jesus. Assim, para Bock, as promessas de Deus frequentemente trabalham através da história, criando um padrão, mas que meramente em um momento do tempo.

O que a visão de Bock vai enfatizar é que o uso do AT no NT envolve dois cenários. Primeiro, a passagem do AT pode ser estudada utilizando uma leitura canônica ao invés uma leitura meramente exegética. O ponto aqui é mostrar que as categorias de pensamento do primeiro século junto com a própria vida de Jesus ajudam os leitores a ler o texto com mais clareza do que antes. Uma vez que os padrões de atuação de Deus na história já se desenvolveram. Bock chama isso de visão dos contextos históricos. Segundo ponto, o contexto original é quem define as regras fundamentais na definição dos parâmetros de como o texto é usado. Darrell Bock não enxerga o NT usando AT de forma aleatória de uma maneira na qual única explicação possível seria a inspiração, para ele mesmo quando NT usa o AT de forma aleatória se feito um estudo cuidadoso se perceberá que os autores do NT tinham um método.

A premissa chave para a visão de Darrell Bock é que Deus trabalha de duas maneiras na sua Palavra e em evento reveladores que ajudam a elaborar sua mensagem. Em outras palavras o uso do AT pelo NT não somente sobre textos; é sobre a revelação que Deus de si faz através dos seus atos.

Darrell Bock afirma que é importante lembrar que o AT foi escrito em hebraico e aramaico. Enquanto todo o NT foi escrito em grego. Os textos do AT foram traduzidos para o grego de modo que a audiência do NT pudesse ter acesso (septuaginta). Muitos eventos descritos pelo NT tinham como a língua original o aramaico. Assim, estudar o uso do AT envolve um contexto multilíngue e multicultural.

Para Bock as citações da Bíblia tinham espaço para se engajar em alguma liberdade de tradução, pois o objetivo era trazer à tona toda a força de uma passagem, às vezes à luz de contextos maiores, incluindo considerações canônicas da escritura hebraica.

Para Bock a questão da dupla autoria levanta problemas específicos. Apesar de Deus ter inspirado os autores que escreveram os livros, eles não entenderam tudo que tinha escrito 1 Pe 1.10-12 indica que os autores humanos não entenderam o tempo ou as circunstâncias de tudo o que eles previram. Assim, Bock admite que Deus poderia ter múltiplos referentes e períodos específicos para aquilo ocorrer, mesmo que o profeta não soubesse (2009, p.112). Contudo, Bock ressalta a necessidade de se estabelecer uma relação entre o que está posto com esse algo a mais que Deus disse.

Para lida com a questão do significado Bock levantar dois termos chaves: A relação de referência da linguagem e o progresso da revelação. Para o autor, a presença de padrões tipológicos na história possibilita visar dois ou mais eventos dentro do mesmo texto. A flexibilidade dentro da linguagem permite isso também, se as descrições forem mantidas genéricas o suficiente.

Bock apresenta três elementos que constituem o significado – esses três elementos devem considerar o contexto do texto, pois este é um fator crucial. São eles: Símbolo; sentido e referente. Para explicar ele apresenta como exemplo o *paracletos* em João 14: Os símbolos são os sinais alfabéticos da palavra. Cada letra constitui um símbolo. O sentido é a definição mais genérica do dicionário, seu significado mais genérico. No exemplo em questão, poderia ser encorajador, consolador, confortador. Contudo, o mais importante para a interpretação específica é a coisa específica, pessoa, objeto ou referido no contexto. Em João 14, o referente é o Espírito Santo. Jesus tem uma figura específica em mente quando fala sobre o consolador.

Mas, quando um texto discute um padrão tipológico em oposição a um evento? O sentido torna-se chave no texto e os referentes se multiplicam à medida que cada contexto é abordado. Em Isaías 40.1-11 o termo ‘exílio’ pode se referir tanto a situação imediata de Israel como a salvação completa em determinado período. Esse é um simples exemplo do processo de referência na linguagem. Salvação a curto prazo seria libertação do exílio, mas na visão de longo prazo do NT o referente é a salvação em Cristo ou a vida eterna. Tal distinção reflete a tipologia bíblica e o progresso da revelação, onde o evento aumenta ou escalona em seu cumprimento posterior.

Esse tipo de padrão de cumprimento deve significar que apesar do sentido de um termo ser mantido em todos os seus cumprimentos, o referente é elevado a um novo nível de realização devido a um escalonamento. Seria semelhante ao que se ver no Uso de Jonas por Jesus.

A revelação progressiva introduz uma ideia que é também uma característica especial do conceito de dupla autoria, a saber, que Deus revela progressivamente seu plano ao longo da história. Isso significa que a força de uma passagem anterior no plano de Deus se torna mais clara e mais desenvolvida à medida que mais do plano é revelado em eventos e textos posteriores. O aumento dessa clareza envolve a identificação de um novo referente para o qual o referente inicial tipologicamente apontava.

Isso guia naturalmente para as duas formas de ler a Bíblia: exegética-histórica e teológica-canônica. Bock ilustra isso em Atos 4.25-27, a oração da igreja apela para o Salmo 2.1-2, ali o que se tem é um exemplo da fúria e conspiração das nações contra Israel. Cada judeu lendo esse salmo diria pelo contexto que os inimigos seriam as nações e os gentios. Contudo, quando a igreja ora os que se opõem ao Messias são aparentemente os judeus que havia rejeitado Jesus junto com os gentios como por exemplo Pilatos. Para Bock essa interpretação simplesmente emergiu quando o salmo foi lido pelos primeiros cristãos em um novo contexto trazido pelo progresso de eventos divinamente orquestrados. A ideia central do salmo era que muitas pessoas se oporiam ao Deus e seu Messias. Assim, todo aquele que se opor a Deus e seu Messias, quer seja judeu ou gentio pode estar relacionado como o inimigo. Assim, o sentido da passagem permanece estático, porém os referentes mudam.

Um outro exemplo da maneira completar de Darrell Bock na qual ele se utiliza tanto da leitura exegética-histórica como da leitura canônica-teológica é visto

na interpretação que ele oferece do texto de Gênesis 3.15. Ele argumenta que em muitos ciclos cristão o texto é conhecido como *protoevangelho* tal reconhecimento é uma clara referência a uma leitura teológica-canônica na qual Jesus é a semente e Satanás é a serpente. Considerando apenas o contexto histórico-exegético não se poderia chegar a essa conclusão, pois Moisés não sabia o nome de Jesus. Do ponto de vista mais exegético o texto de Gn 3.15 vai mostrar como depois do pecado a natureza se tornou mais hostil a humanidade.

Bock segue seu argumento dizendo que não há necessidade de colocar as duas perspectivas em confronto. Jesus pode ser visto como o descendente da mulher como também a hostilidade entrando na criação por causa do pecado de Adão. Para Bock, ambas as leituras do texto são legítimas.

4. Conclusão

O estudo das abordagens cristãs no estudo do uso do AT pelo NT buscou esclarecer os principais prismas com os quais se tem observado esta questão interpretativa complexa. A razão para a exposição das visões sobre o debate atual dentro da intertextualidade entre os testamentos foi necessária, pois essa afeta outras áreas e doutrinas basilares da fé cristã, e por isso precisam receber atenção devida. Como Walter Kaiser notou, “Todo esse debate não foi uma tempestade pequena em um bule de chá (2009, p.45).” A complexidade do tema e o vasto número de soluções diferentes ao problema têm ocasionado certa angústia e confusão. A tarefa é intimidadora e não há consenso acerca da abordagem apropriada

O exame de cada uma das escolas revelou que não há uma solução metodológica que lide com todos os problemas envolvidos na questão. Há por parte deste autor uma inclinação na abordagem do Significado Único – Múltipla Aplicação pela sua objetividade ao lidar com o significado do texto, fechando margem para interpretações alegóricas ou não contextuais que são capazes de solapar o ensino bíblico. Embora, este autor tenha preferência em considerar que Significado Único aplicados a múltiplos referentes pode ser a regra geral na interpretação, não descarta a possibilidade da abordagem *referentiae plenior* ser utilizada em algumas passagens. Reconhece-se que estudos adicionais precisam ser feitos, aplicando as metodologias aos textos para deixar que a Escritura molde o pensamento e não o contrário.

Referências bibliografia

- ALBUQUERQUE, T., CHOU, A., BOCK, D. L., GEISLER, N. L., PIRICILIP, R. E., RUNGE, S. E., & VERAS, V. **Hermenêuticas: Fundamentos, Linguística e Testamentos.** Eusébio – CE: Peregrino; 2018.
- ALBUQUERQUE, Tiago. (Org.) **Está [Re]Escrito: Uma Introdução a Intertextualidade Bíblica.** Fortaleza – CE : Biblica Publicações, 2022.
- ARNDT, William et al., **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature.** Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- BAKER, David L. ‘Typology and the Christian Use of the Old Testament’ in BEALE, Gregory K. (org). **The Right Doctrine from the Wrong Text?** essays on the use of the Old Testament in the New. Michigan : Baker Academic. 1994. pp.313-30.
- BEALE, G. K., CARSON, D. A., KOSTENBERG, A. J., BLOMBERG, C. L., & SEIFRID, M. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova; 2014.
- BEALE, G. K. **Handbook on the New Testament: exegesis and Interpretation** (Grand Rapids: Baker, 2012),
- BERDING, LUNDE. **Three views on the NT use of the OT.** Editora: Zondervan Academic; Illustrated, 2008.
- CAREY, William Taylor. Dicionário do Novo Testamento Grego Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 2011.
- CARSON, D.A (Ed.) **The enduring authority of the Christian Scriptures.** Grand Rapids : Eerdmans Publishing Company, 2016.
- CHOU, Abner. **A hermenêutica dos escritores bíblicos.** São Paulo – SP Editora: Impacto, 2020.
- GRISAN Michael A., **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento,** org. Willem A. VanGemeren São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011.

KÖSTENBERG, A. J. **Convite a interpretação bíblica: a tríade hermenêutica** (1^a ed.). São Paulo : Vida Nova; 2015.

LEE, Jae Hyun. **Paul's gospel in romans:** a discourse analysis of rom 1:16-8:39. Boston: Brill, 2010.

LOUW-NIDA, **Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains.** Amer Bible Society; 2nd ed. Edição, 1988.

MOO, Douglas and Naselli. The Problem of the New Testament's Use of the Old Testament. *In: CARSON, D.A (org.) The Enduring Authority of the Christian Scriptures.* Editora: William B. Eerdmans Publishing Company, 2016.

PINTO Carlos Osvaldo Cardoso, **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**, org. Juan Carlos Martinez, 2^a Edição revisada e atualizada São Paulo: Hagnos, 2014.

POTER, Stanley. **The messiah in the Old Testament.** Editora: William B. Eerdmans Publishing Company. 2007.

Richard B. Hays. **Echoes of Scripture in the Letters of Paul.** Editora: Yale University Press. 1993.

SILVA, Valney V. e ANDRADE, Diego P. Uma proposta dispensacionalista do uso do Antigo no Novo Testamento. **Colloquium**, Crato-CE, Vol. 6, número 2, p.160-177, Dezembro 2021.

VLACH, Michael. **The Old in the New: Understanding How the New Testament Authors Quoted the Old Testamen.** Editora: Kress Biblical Resources, 2021.

Walter Kaiser - **The messiah in the Old Testament.** Editora: Zondervan Academic; Revised ed. 1995.



Matheus Vasconcelos Marques

Sobre o autor

É casado com Keyse Vasconcelos. Formou-se em Plantio de Igreja Pioneiras pelo Centro de Preparo Missionário (2015). Autor do livro *Vida de oração em tempos difíceis*. Aluno do London Baptist Reformed Seminary, mestrando em ThM pelo instituto Aubrey Clark, é licenciado em Letras — Língua Portuguesa pela faculdade Estácio de Sá. Pastor na Igreja de Cristo do Henrique Jorge, em Fortaleza. Diretor do Seminário Evangélico da Igreja de Cristo no Brasil.

Há lugar para Israel nos planos de Deus?

Paulo Valle



Em 2019, meses antes das primeiras notícias sobre a COVID-19, comecei a “ler pra valer” sobre temas relacionados às últimas coisas. Esse desejo surgiu à medida que constatava os primeiros sinais de envelhecimento. Parece que essa é a fase da vida em que a nossa mente costuma se ocupar com as coisas vindouras. Por razões óbvias, em 2020, a pandemia contribuiu para dar direcionamentos às leituras. Mais tarde, descobri que outros, cujas idades regulam com a minha, também estavam lendo sobre as mesmas coisas, tentando conhecer, até onde nos fosse possível, os desdobramentos da escatologia individual e histórica.

Àquela altura, questões relacionadas à *morte, ressurreição, segunda vinda de Jesus, milênio, juízo final* ganharam importância como nunca antes para mim. E, por circunstâncias naturais, o lugar e o papel de Israel nos planos de Deus passaram a ser considerados, mas ainda com certa cautela. Lembro-me de algumas boas conversas em família que suscitaram ainda mais perguntas às que eu já tinha e para as quais buscava respostas nas Escrituras.

Dante desse desafio, pensei sobre um programa de leitura das Escrituras Sagradas que pudesse me ajudar a compreender, por meio da história da revelação e da redenção, os planos de Deus, caso ainda houvesse, para Israel. Da mensagem

evangélica no Éden (Gênesis 3.15) à inserção dos gentios na fé após a morte e ressurreição de nosso Senhor, buscava entender se o desfecho da história (parte do meu interesse inicial) passava ou não pelo povo de Israel. À medida que lia e consultava autores patrísticos, medievais e contemporâneos, judeus e não judeus, era surpreendido pelas “descobertas” históricas e teológicas.

No que diz respeito à história, me dei conta das intensas e distintas perseguições a que os judeus foram submetidos nos últimos dois mil anos. De *persona non grata* com quem sequer deveriam comer, ao holocausto de cerca de 6 milhões de judeus, havia (e há!) um lastro de hostilidades e barbaridades em nome, inclusive, da fé. E por detrás dessa perseguição se revelou uma mentalidade teológica supersessionista, geradora de uma perspectiva antissemita, na qual tem sido apregoado que Israel foi substituído pela Igreja e já não tem qualquer relevância para os desdobramentos escatológicos.

Entretanto, foi em 2021, enquanto seguia com minhas leituras, que descobri a maneira com a qual, predominantemente, os herdeiros da Reforma Protestante que viveram nos séculos XVI a XIX lidavam com o assunto. Foi lendo, sobretudo, os puritanos que me dei conta de dois pontos: [1] a existência de um *gap* do período entre a Reforma Protestante e o surgimento do Método Histórico-Crítico e [2] a abordagem sobre a terra e a salvação de Israel na moldura soteriológica, e não apenas escatológica. Nessa lista dos herdeiros da Reforma constavam nomes como os de *William Perkins* (1558-1602), *Thomas Brightman* (1562-1607), *John Cotton* (1585-1652), *Jeremiah Burroughs* (1600-1646), *Roger Williams* (1603-1683), *Wilhelmus à Brakel* (1635-1711), *Matthew Henry* (1662-1714), *John Gill* (1697-1771), *Jonathan Edwards* (1703-1758), *Charles Simeon* (1759-1836), *Hortatius Bonar* (1808-1889), *J. C. Ryle* (1816-1900), *Charles H. Spurgeon* (1834-1892). Eles não apenas oravam pela conversão dos judeus, mas também ensinavam sobre seu retorno à terra, ocorrido em 1948, e sobre a ampla conversão de judeus a Jesus, o Messias, como sinal do fim.

Uma das principais questões foi ter que lidar com as promessas de Deus feitas aos patriarcas e, consequentemente, aos seus descendentes. Muito naturalmente, por causa do meu envolvimento nos últimos 34 anos com o ensino teológico na área de Teologia Exegética, eu deveria me ocupar inicialmente com o testemunho bíblico, embora não devesse ignorar o lastro testemunho histórico dos últimos dois mil anos. Assim, cheguei ao capítulo 15 de Gênesis, quando

Moisés narra o estabelecimento da aliança de Deus com Abrão e sua descendência, nos seguintes termos:

“[...] à tua descendência tenho dado esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates; e o queneu, e o quenezeu, e o cadmoneu, e o heteu, e o perizeu, e os refains, e o amorreu, e o cananeu, e o girgaseu, e o jebuseu” (vs. 18b-21).

Quando li essas palavras, fui tomado de curiosidade para descobrir em que momento histórico essa promessa, feita em um contexto factual, havia se cumprido em sua totalidade geográfica. Afinal, o verdadeiro proprietário da *terra* estabeleceu limites geográficos, denominando-os a partir daquelas nações existentes. Havia um Deus, havia um povo, havia uma língua, havia uma terra. Embora fosse uma nação entre as nações, Israel havia sido eleito para levar adiante os propósitos de Deus, incluindo o Messias. Israel, portanto, era uma nação peculiar.

O ponto, entretanto, que muito me chamou atenção foi que, em resposta à minha indagação geográfica, estava claro que nem mesmo no auge dos prósperos governos de Davi ou de Salomão, Israel havia tomado posse de toda extensão da terra prometida em Gênesis 15. Nem antes e nem depois! Havia a promessa de um Deus que não mente e nem comete equívocos linguísticos, mas não havia um testemunho histórico de seu cumprimento. Assim, conforme as palavras de Joel Richardson¹, haveriam quatro conclusões possíveis:

- [1] O Senhor falhou em cumprir sua promessa;
- [2] As promessas eram espirituais e nunca se pretendeu cumpri-las literalmente;
- [3] A promessa dizia respeito ao novo céu e à nova terra, conforme as palavras de Isaías e de João;
- [4] O Senhor continua comprometido com sua promessa e ainda a cumprirá.

¹RICHARDSON, Joel. *Quando um judeu governar o mundo: o que a Bíblia realmente diz sobre Israel no Plano de Deus*. São Paulo: Impacto, 2019. pp. 47-48.

A conclusão [1] pareceu-me absurda, sobretudo quando considero o que Deus dá a conhecer acerca de si mesmo em sua Palavra. Deus não falha! Jamais! O que promete, cumpre! As conclusões [2] e [3] pressupunham um método interpretativo que, a bem da verdade metodológica de caráter alegórico, deveria reajustar não apenas o conceito de *terra*, mas também todo o entorno da promessa, o que não nos é possível ver ao longo da história da revelação e da redenção. Restava, então, como conclusão plausível por não ignorar quem Deus é e nem o método adequado de leitura das Escrituras, a perspectiva [4]. Deus continua comprometido com sua promessa e a cumprirá.

Ora, se isso procede, ou seja, se essas coisas ainda estão para se cumprir (arrepio-me, literalmente, só de pensar), então ainda restam coisas para acontecer, cujo cumprimento provocará um novo cenário geográfico no Oriente Médio, cuja mudança certamente não ocorrerá através de negociações diplomáticas no grande salão da ONU. Seguindo o fluxo do pensamento, isso apontaria para as tensões entre as nações, conforme lemos nas profecias de Isaías 59-60, Jeremias 31-32, Ezequiel 11 e 36 e Zacarias 12-14, além, claro, de João, por todo Apocalipse.

Essa minha busca, associada à disposição de resolver, no caso, uma curiosidade de ordem geográfica, levou-me a fazer comparações entre a terra prometida por Deus a Abrão e as atuais ocupações. Constatei que a área prometida pertence atualmente ao deserto do Sinai, partes do Líbano, partes da Síria, partes da Jordânia, todas as colinas de Golã, além da Cisjordânia e Gaza. Uma área, portanto, mais ampla do que a ocupada atualmente pelos israelenses.

Se levarmos em conta as palavras do apóstolo Paulo aos Romanos, no capítulo 11, ao afirmar [1] que Deus não rejeitou o seu povo que antes conheceu, [2] que entre os judeus ainda restava um remanescente, segundo a eleição da graça, [3] que em seu profundo sono, por sua queda, os gentios foram trazidos a Cristo, [4] que não existem duas oliveiras, mas apenas uma, e é Israel, em quem os gentios foram enxertados, [5] que todo Israel será salvo, [6] e que os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis, não devemos, pois, ignorar a plausibilidade de que Deus ainda tenha Israel em seus planos.

Mas há uma questão legítima, muitas vezes levantada com sinceridade, enquanto lidamos com a condição de Israel nos planos de Deus. Essa pergunta diz respeito às palavras ditas a Pilatos por um grupo de judeus, enquanto nosso Senhor estava sob julgamento: “*o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*” (Mateus

27.25). A conclusão, para muitos, é que, com essas palavras, todo povo de Israel foi colocado sob maldição, merecendo todas as hostilidades cometidas contra ele na história. Afinal, “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1.11).

Entretanto, consideremos as palavras do profeta Ezequiel:

E veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Que pensais, vós, os que usais esta parábola sobre a terra de Israel, dizendo: os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz o Senhor DEUS, que nunca mais direis esta parábola em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá (18.1-4 | destaque do autor).

Aqueles judeus, cujos corações estavam repletos de ódio por Jesus, que não toleravam os ensinos de Jesus, não representavam todos os judeus. Não havia sobre eles qualquer autoridade representativa. Lembrem-se que muitos outros judeus receberam Jesus, amaram Jesus, seguiram Jesus, pregaram Jesus, morreram por Jesus. Conforme as palavras do profeta Ezequiel, o trato passaria pela sentença “*a alma que pecar, essa morrerá*”. Cada um falaria, e ainda fala, por si.

Mas vamos supor que devêssemos levar em consideração aquelas palavras de maldição ditas pelos judeus como se representassem toda a nação. Não seria também o caso de considerarmos as palavras de nosso Senhor já suspenso na cruz: “*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem?*” (Lucas 23.34). Por que atribuiríamos maior autoridade às palavras de homens do que às do Deus encarnado? Onde haveria maior peso: nas palavras de pecadores repletos de ódio ou do Filho de Deus, sem pecado, perfeito, que intercede, como Sumo Sacerdote, pelos seus? Certamente, há peso e glória maior nas palavras de Jesus.

Sem me importar muito em qual escola milenar me encaixo ou sou encaixado a essa altura, estou convencido de que, pelas promessas divinas associadas ao seu caráter revelado em sua Palavra, Deus ainda tem um propósito para Israel. Estou convencido também de que o lugar de Israel não deve ser considerado apenas no contexto da escatologia apenas, mas também na soteriologia. Assim pensavam os puritanos. E ao falar sobre Israel, não me refiro ao Estado de Israel, mas ao povo de Israel, com quem Deus estabeleceu uma aliança perpétua, ainda que o Estado de Israel desempenhe um papel fundamental para a preservação do povo de Israel.

O testemunho bíblico claramente demonstra que Deus salvará muitos judeus por meio da fé no Messias, e esses serão trazidos à comunhão de muitos outros judeus e dos gentios, que ao longo dos séculos, creram e crerão nele. E estamos certos que quando a última pedra do edifício for colocada em seu lugar, então virá o fim (1 Pedro 2.5), e estaremos para sempre com o Senhor. Que assim seja. Maranatha!

Bibliografia

- BEITZEL, Barry J. *Novo atlas da Bíblia: geografia, arqueologia, história*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- BOCK, Darrell L. & GLASER, Mitch. *Israel, a igreja e o Oriente Médio: uma resposta bíblica ao conflito da atualidade*. Eusébio: Peregrino, 2020.
- DOWLEY, Tim (editor). *Atlas Vida Nova da Bíblia e da história do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- FERREIRA, Franklin. *Por amor de Sião: Israel, igreja e a fidelidade de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- MARTIN, Robert P. *A guide to the puritans*. Carlisle: The Banner of Truth Trust, 1997.
- McDERMOTT, Gerald R. *A importância de Israel: por que o cristão deve pensar de maneira diferente em relação ao povo e à terra*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- RICHARDSON, Joel. *Quando um judeu governar o mundo: o que a Bíblia realmente diz sobre Israel no plano de Deus*. São Paulo: Impacto, 2019.
- RUSHANSKY, Efraim. *O palco da história: as raízes judaicas e o cristianismo*. Jerusalém: edição própria, 2013.
- SCHAEFFER, Edith. *O cristianismo é judaico*. Brasília: Monergismo, 2022.
- STERN, David. *Manifesto judeu messiânico*. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1989.
- WRIGHT, Christopher J. H. *Povo, terra e Deus: a relevância da ética do Antigo Testamento para a sociedade hoje*. São Paulo: ABU Editora, 1991.



Paulo Valle

Sobre o autor

Paulo Valle é casado com Deisi, pai de Abner, Isabelle e Jonathas. É formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e em Letras pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase, com estudos avançados em Teologia Exegética e Língua Portuguesa. Atualmente, cursa o programa do Th.M. no Seminário Martin Bucer, em parceria com o Puritan Reformed Theological Seminary, onde também atua como professor de Grego do Novo Testamento, Novo Testamento e Práticas Discursivas. É membro-associado da Coalizão Pelo Evangelho (TGC Brasil).

Resenha: *História da Filosofia e Teologia Ocidental*

Willy Robert



John M. Frame é professor emérito de Teologia Sistemática e Filosofia no Reformed Theological Seminary em Orlando. Ensinou teologia e apologética no Westminster Theological Seminary, na Filadélfia e no Westminster Seminary na Califórnia. É autor de vários livros, entre eles *Teologia em três dimensões*, publicado por Vida Nova.

Recomendado por inúmeros teólogos e filósofos respeitados em todo o mundo, o livro *História da Filosofia e Teologia Ocidental* é o resultado de quarenta e cinco anos de trabalho de John Frame sobre temas filosóficos. O livro destaca-se pela abordagem abrangente com que o autor organizou sua obra, oferecendo uma análise panorâmica de todos os períodos em que se desenvolveu o pensamento filosófico na história, desde os pré-socráticos até os pós-modernos.

A análise apresentada é ampla, mas o autor deixa claro, desde o início, que não se trata de um olhar neutro. Como característica distintiva, Frame constantemente expressa suas opiniões pessoais sobre os temas abordados, fundamentando-se em uma cosmovisão cristã que considera a Bíblia como a inerrante Palavra de Deus, que orienta e norteia todas as coisas.

O livro é composto por treze capítulos, cada um dedicado à análise de um período específico. Além desses treze capítulos, a obra também inclui aproximadamente duzentas páginas de apêndices.

A filosofia e a Bíblia

Frame inicia sua obra dedicando três páginas inteiras a vários textos bíblicos que abordam conceitos como sabedoria e conhecimento de Deus. Ao contrário do que é comum em outras obras, o livro não apresenta uma seção específica de introdução, o autor já organiza todo o primeiro capítulo de maneira introdutória, denominado “A filosofia e a Bíblia”.

Frame demonstra como o texto bíblico se dedica extensivamente ao tema do saber. A principal questão abordada é que, para os autores bíblicos, a sabedoria não é dissociada de Deus; pelo contrário, o verdadeiro conceito de sabedoria na Bíblia está fundamentado no temor ao Senhor.

Ele segue prosseguindo apresentando o conceito comum de filosofia: “A palavra ‘filosofia’ significa, em sua etimologia, amor pela sabedoria. ‘Sabedoria’, por sua vez, é ‘um tipo de conhecimento elevado, um conhecimento que mergulha no profundo significado e na relevância prática’” (p. 49). Em sua definição particular, a filosofia é “o esforço disciplinado de articular e defender uma cosmovisão. Uma cosmovisão é uma concepção geral do universo” (p. 49).

Para Frame, enquanto as outras ciências, como química e biologia, buscam o entendimento de aspectos particulares do universo, a filosofia lida com as verdades mais gerais da realidade: o que é, como o sabemos, como devemos agir. Nesse sentido, Frame defende que a cosmovisão é uma designação apropriada para o objeto da filosofia.

Neste ponto, o autor deixa claro os pressupostos que serão fundamentais em sua investigação ao longo das quase mil e duzentas páginas do livro:

- O mundo é acessível à mente humana.
- A apresentação da busca histórica pelo entendimento desse mundo.
- A apologética baseada na cosmovisão cristã, que admite um Deus criador e o mundo como criação desse Deus.
- O homem como imagem de Deus.
- O pecado e suas consequências.

- A expiação de Cristo como salvação da humanidade
- O retorno de Cristo, bem como a consumação de todas as coisas.

Após esclarecer isso, Frame parte para responder à seguinte pergunta: Por que estudar filosofia? Sua resposta utiliza os conceitos de Aristóteles e Sócrates. Aristóteles afirmou que “todos os homens, por natureza, têm desejo de saber”. Sócrates, alguns anos antes, havia afirmado que “a vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

Frame então reformula a pergunta: Por que um cristão, em especial, deve estudar a história da filosofia? Ele apresenta três benefícios do estudo para responder a esse questionamento que podem ser resumidos da seguinte forma: a) teólogos, pregadores e mestres cristãos precisam, de forma geral, aprimorar a qualidade de seu pensamento, em particular, de sua argumentação. b) Ao longo dos séculos, a filosofia influenciou de forma significativa a teologia cristã, trazendo conceitos como “natureza”, “substância” e “pessoa”, que são termos da doutrina da Trindade e da cristologia que não se encontram na Bíblia, sendo resultado da aplicação da filosofia nos estudos teológicos. c) Como boa parte do estudo filosófico não estava sob a influência do cristianismo, quando os cristãos estudam filosofia, eles se familiarizam com os mais formidáveis adversários do evangelho.

Frame então passa a demonstrar, de forma panorâmica, as subdivisões da filosofia: metafísica, epistemologia e teoria do valor. Existe uma relação entre essas três subdivisões e o autor as explora com precisão argumentando que essas áreas não são independentes umas das outras; cada subdivisão pressupõe e influencia as demais.

Filosofia grega

No segundo capítulo, Frame aborda a filosofia grega. Embora os gregos não tenham sido a primeira civilização do Ocidente, sua contribuição para a arte, arquitetura, ciência, política, guerra, educação, poesia, história e filosofia é notável e não pode ser ignorada.

O autor reconhece o valor dessa contribuição, mas deixa claro que a cosmovisão grega não pode ser adotada, tampouco sintetizada com a cosmovisão bíblica. Embora haja temas comuns explorados tanto pela Bíblia quanto pelos gregos, não há compatibilidade nas conclusões.

Frame destaca a diversidade das cosmovisões gregas, enfatizando que é necessário mencioná-las no plural. Por exemplo, Homero e Hesíodo acreditavam nos deuses gregos tradicionais, enquanto Heráclito, Xenófanes e Epicuro os desprezavam. Parmênides defendia a ideia de que as coisas não mudam, ao passo que Heráclito acreditava na constante mutação. Esses exemplos e outros deixam claro as variações existentes nas cosmovisões gregas.

Outro ponto explorado por Frame é a ênfase da filosofia grega na supremacia da razão humana. Apesar das discordâncias entre os filósofos em diversas áreas, todos concordavam que a boa vida consistia em uma vida de racionalidade. Nesse sentido, o autor afirma que a própria razão tornou-se um deus para eles, “um objeto de fidelidade última, o padrão supremo da verdade e da falsidade, do certo e do errado — embora eles não a descrevessem dessa forma” (p. 112).

A partir desse ponto, Frame realiza uma investigação panorâmica da filosofia grega, apresentando as escolas de Mileto, Heráclito, Parmênides, os atomistas, Pitágoras, os sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles, o estoicismo e Plotino.

Filosofia cristã antiga

No terceiro capítulo, Frame explora a filosofia cristã antiga, denominada assim devido ao seu enfoque nos chamados “pais da igreja” e nas discussões de seu tempo.

Novamente, o ponto de partida é o fato de que a filosofia cristã tem suas raízes na Bíblia Sagrada. Em outras palavras, os autores bíblicos produziram seu material com base na crença em um Deus criador, na Trindade, na tripersonalidade e no senhorio desse Deus.

Os autores do Novo Testamento, especialmente o apóstolo Paulo, reconheceram que a filosofia era uma área de guerra espiritual e alertaram contra a sabedoria do mundo. Após o fechamento do cânone, essa batalha continuou com os pais da igreja.

Os primeiros foram os Pais Apostólicos, cujos escritos apresentam uma preocupação mais pastoral, oferecendo conforto em meio à perseguição e ao martírio. Em seguida, surgiram os pais apologetas, fortemente influenciados pela filosofia grega em seus escritos. Eles se dedicaram a defender o cristianismo contra o pensamento judaico, as perseguições romanas, a filosofia grega e as constantes heresias que surgiam, como o gnosticismo, docetismo, marcionismo, entre outros.

Frame aborda o pensamento de Justino Mártir e suas principais obras, como *Diálogo com Trifão* e *Primeira apologia*, além de apresentar um panorama do pensamento dos principais pais da igreja, desde Irineu até Agostinho.

Filosofia medieval

Ao analisar a filosofia medieval, Frame postula uma significativa mudança contextual que foi responsável por uma considerável transformação na abordagem filosófica: enquanto os pais da igreja produziam seus pensamentos e obras em meio a perseguições e mortes, na era medieval, os filósofos cristãos estavam livres para pensar e escrever sem qualquer limitação, além do fato de não estarem mais sob uma tradição filosófica pagã.

Ainda assim, percebe-se nitidamente que a filosofia grega continuou tendo uma forte influência sobre eles. Essa influência permaneceu sem ser perturbada até a Reforma Protestante, com os protestantes mantendo sua ênfase em uma teologia bíblica mais radical.

Assim como nos outros capítulos, Frame realiza uma análise panorâmica dos principais nomes da filosofia medieval, apresentando o pensamento de Boécio, Pseudo-Dionísio (que por muito tempo foi pensado ser “Dionísio, o Areopagita”, convertido por Paulo em At 17) e João Escoto Erígena.

Frame mostra como Anselmo de Cantuária, mesmo influenciado por Platão, estabeleceu um pensamento muito mais ortodoxo em termos de teologia, sendo chamado inclusive de “o segundo Agostinho”. O autor faz uma análise interessante das principais obras de Anselmo, como *Monologium*, *Proslogium* e *Cur Deus Homo*, sendo esta última a principal obra do período medieval a analisar o motivo da encarnação de Cristo, onde já se encontra a ideia de substituição penal.

Após abordar Avicena, Al Ghazali, Averróis e Maimônides, o autor chega a Tomás de Aquino, o maior nome desse período, conhecido como o “Doutor Angélico”. Aquino entendia que, embora Deus exceda a razão, é preciso usá-la para conhecê-lo. “Tomás define filosofia como a disciplina na qual a razão humana é suficiente. A sagrada doutrina é a disciplina na qual recebemos a verdade pela revelação e pela fé” (p. 235, grifo do autor). Tomás de Aquino também percebia uma certa sobreposição entre a filosofia e a teologia, pois ambas tratam de Deus.

O pensamento da primeira modernidade

No capítulo cinco, Frame aborda como as tentativas frustradas de sintetizar a cosmovisão bíblica com a filosofia grega resultaram em uma cisão entre alguns pensadores que defendiam uma posição bíblica mais consistente e outros que se voltavam mais ao secularismo. Ele se dedica à análise da Renascença, a qual, embora não tenha sido necessariamente um período de descrença, caracterizou-se por não ter a Bíblia como centro.

Isso é impressionante, pois esse foi o período em que se desenvolveram o antiquarianismo, com o lema “*ad fontes*”, e o humanismo, movimentos responsáveis por um exame mais detalhado das Escrituras, levando a uma melhor compreensão dos textos bíblicos. Frame comprehende a Reforma Protestante como um fenômeno da Renascença e fala sobre Martinho Lutero e João Calvino, os principais nomes desse movimento.

Após a Reforma, Frame se aprofunda no surgimento do racionalismo e empirismo, afirmando que, entre 1600 e 1800, todos os filósofos podem ser agrupados sob essas duas categorias. Ele menciona nomes como René Descartes, Baruch Espinosa e Leibniz na ala racionalista, e Locke, Berkeley e Hume no lado empirista. Além disso, um pequeno espaço é reservado para falar do britânico Thomas Hobbes, que, segundo Frame, poderia ser incluído facilmente em qualquer uma das duas categorias.

Iluminismo

Ao analisar o Iluminismo, Frame tem como ponto de partida uma transformação no final do século 17, que levou muitos a lerem a Bíblia não como Palavra de Deus revelada, mas como um mero documento humano, portador tanto de erros quanto de sabedoria religiosa. “Tanto Hobbes quanto Espinosa [...], negaram a autoria mosaica do Pentateuco e questionaram muito do que a Escritura diz a respeito de Deus e do mundo. Ao lado deles, havia um grupo de estudiosos bíblicos dedicados a criticar as alegações das Escrituras, como H.S. Reimarus (1694-1768) e o Barão D’Holbach (1723-89), que escreveram uma biografia de Jesus destituída de qualquer elemento sobrenatural. A Bíblia de Thomas Jefferson, da qual ele procurou extirpar qualquer elemento sobrenatural, foi parte desse processo” (p. 330).

Dessa forma, Frame passa a tratar sobre o surgimento do liberalismo teológico, que, mesmo rompendo com a crença na autoridade bíblica e na intervenção

sobrenatural de Deus, tentou seguir apenas alguns preceitos morais e éticos do cristianismo, sendo um exemplo disso o “deísmo”.

Apesar de todo esse declínio no que diz respeito à revelação bíblica, alguns nomes se destacaram nesse período, indo na contramão do liberalismo e escrevendo a favor do cristianismo bíblico, sendo Blaise Pascal, Joseph Butler e Jonathan Edwards como alguns deles.

Kant e seus sucessores

Apesar de toda a convulsão que vem sendo explorada ao longo do livro, Immanuel Kant marca um ponto definitivo de mudança, sendo considerado o filósofo mais influente desde o seu tempo até a atualidade.

De acordo com o autor, a representatividade significativa de Kant advém do fato de ele ensinar que devemos raciocinar de forma autônoma, e nunca de outra forma. Essa afirmação de Kant representava uma crítica à heteronomia, ou seja, quando o indivíduo é governado por leis externas a ele. Para Kant, a heteronomia é incompatível com a moralidade, pois nos torna escravos de forças externas. Frame dedica várias páginas para explorar o pensamento kantiano, abordando os conceitos de fenômeno e númeno, assim como a ética e teologia de Kant.

Ele então analisa Hegel, Schopenhauer, Feuerbach e Karl Marx como os principais nomes que foram influenciados por Kant.

Teologia do Século 19

No capítulo 6, Frame aborda o surgimento da teologia liberal, destacando os teólogos que, seguindo os filósofos racionalistas, negaram qualquer aspecto sobrenatural das Escrituras. No capítulo 7, ele se dedicou ao desenvolvimento do pensamento kantiano, que continuou negando a ideia de revelação especial, insistindo que todo apelo à revelação deve ser testado pela razão.

Em seguida, Frame abordou a influência de Kant no pensamento hegeliano, que ainda afirmava haver aceitabilidade para a religião desde que limitada por uma cosmovisão racionalista. Ele também apresentou o pensamento de Feuerbach e Marx que deram um passo adiante e descartaram completamente a religião. Agora, no capítulo 9, ele se volta para aqueles que consideravam haver um lugar de importância para a religião e até mesmo para a teologia. Aqui ele analisa a teologia do século 19 como um desenvolvimento da teologia liberal surgida no Iluminismo.

Nesse contexto, Frame inicia investigando o pensamento de Friedrich Schleiermacher, conhecido como o pai da teologia moderna liberal. Ele destaca que, embora Schleiermacher não seja o primeiro teólogo liberal, desempenhou um papel de destaque na sistematização de seu pensamento e influenciou outros com suas ideias. Schleiermacher acreditava que a religião é uma experiência subjetiva, devendo ser vivida e compreendida a partir do ponto de vista do próprio indivíduo, rejeitando a ideia de que a religião pode ser reduzida a um conjunto de dogmas ou doutrinas.

No restante do capítulo, Frame analisa alguns dos principais nomes da teologia liberal do século 19, como Albrecht Ritschil (que reduziu a teologia à análise do Jesus histórico e à vida atual do crente), Wilhelm Herrmann e Adolf Von Harnack (que desconsiderou os milagres, anjos e demônios, resumindo tudo ao relacionamento de Deus e da alma).

Na parte final do capítulo, Frame dedica uma extensa análise ao pensamento do dinamarquês Søren Kierkegaard, destacando sua importância e o caráter único de seu pensamento que aborda temas como temor, ansiedade, desespero, escolhas, decisões e etapas da vida. Frame afirma: “O pensamento de Kierkegaard é bem diferente de qualquer coisa que o antecedeu. [...] ele medita sobre temor, ansiedade, desespero, escolhas, decisões, etapas da vida, comunicação e muitos outros assuntos que se tornaram parte da filosofia nos últimos tempos” (p. 455).

Capítulos finais

No capítulo 9, Frame analisa o pragmatismo, a fenomenologia e o existencialismo, destacando sempre os principais nomes e suas obras, de Nietzsche a Sartre.

Dois capítulos são dedicados ao estudo da teologia do século 20, com ênfase especial na teologia de Karl Barth. Vale destacar que a análise que Frame faz de Barth é abrangente e muito respeitosa. No entanto, Frame inclui Barth na lista da teologia liberal e explica o motivo: “Barth parece judicioso demais acerca do conteúdo da Escritura para ser comparado com tais pensadores. Mas ele se enquadra, claramente, na definição de ‘liberalismo’ que eu apresentei no capítulo 6: ‘qualquer tipo de teologia que não se submeta à autoridade infalível da Escritura’. Sua exposição do conteúdo real das Escrituras, apesar de toda sua terminologia ortodoxa, está muito longe do que a Bíblia ensina” (p. 544). Mesmo assim, a análise geral de Frame sobre Barth é digna de apreciação, vale a pena conferir no livro.

Estamos diante da obra mais completa disponível sobre a interrelação histórica entre filosofia e teologia. Frame procura ser o mais cronológico possível, contribuindo para um entendimento sólido da história em seus devidos contextos. Sua metodologia é totalmente acessível, permitindo que mesmo aqueles sem conhecimento prévio de filosofia acompanhem o livro sem se perder nos assuntos abordados.

Estamos diante de um livro que pode ser utilizado como leitura obrigatória em cursos de teologia filosófica e até mesmo teologia histórica. Organizado por períodos, os estudantes podem fazer uso de capítulos avulsos, sem a necessidade de ler toda a obra, caso estejam procurando um assunto específico.

Ao final de cada capítulo, Frame presenteia os leitores com um guia de estudos abrangente, contendo dezenas de perguntas para auxiliar na fixação dos temas tratados. Além disso, o autor disponibiliza uma extensa bibliografia para aqueles que desejam adentrar nos assuntos.

Edições Vida Nova está de parabéns por presentear o público de língua portuguesa com essa obra tão importante para todos os amantes da boa teologia.



Willy Robert Henriques

Sobre o autor

Formado em Teologia pelo Seminário Martin Bucer. Mestrando em Divindades também pelo Seminário Martin Bucer. Estudou História, Geografia e Arqueologia do Antigo Oriente na ECTM (Escola de Capacitação Teológica Ministerial 2013-2014). Cursou teologia pelo CETADEB (2011-2013). Professor de teologia bíblica e sistemática no Instituto IBH (2017-2019). Professor de Teologia Histórica no Seminário Véritas em Juiz de Fora (MG). Atualmente pastor da Igreja Batista Redenção em Juiz de Fora (MG). Casado com Rosy e pai do Abner.

Vigilância

Uma leitura textual-temporal-canônica de Cantares 2.15

Gedimar dos Santos



“Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas, antes que as vinhas sejam des-truídas pois elas já estão com flor”. [Tradução nossa]

Introdução

A ideia de vigilância é um tema muito frequente na Sagrada Escritura. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento encontramos reflexões sobre a importância de um vigia e a prudência de vigiar. Em um dos textos proféticos, por exemplo, observamos o profeta Isaías (Is 21.6,8-9a, NVI) usando a figura de um vigia para comunicar ao povo a supremacia de Deus sobre todas as nações¹:

¹É importante dizer que a ideia da supremacia de Deus sobre todas as nações representa o contexto da passagem conforme podemos ver quando lemos os Is 13.1-27.13. Dentro desse contexto, se encontra o capítulo 21 mostrando a atuação do vigia como uma ferramenta importante para a compreensão desta intenção maior de Deus na história de Israel.

Assim me diz o Senhor: Vá, coloque um vigia de prontidão para que anuncie tudo o que se aproximar. [...] Então o vigia gritou: Dia após dia, meu senhor, eu fico na torre das sentinelas; todas as noites permaneço em meu posto. Veja! Ali vem um homem num carro com uma parelha de cavalos.

Para Ortlund (2005, p. 134) Isaías estava prevendo, por meio de uma visão, que: “O fim da Babilônia se encontrava visível”. Mas o que gostaríamos de destacar aqui é a obediência e o compromisso do vigia que dia após dia se mantinha operante (**עַמְדָה**: ficar de pé): “Dia após dia, meu Senhor, eu fico na torre das sentinelas” (v.8). Qual seria a tarefa do vigia? Avistar qualquer aproximação. Ou seja, qualquer movimentação humana seria o suficiente para acreditar na destruição da Babilônia. Foi por meio destes termos, que “Isaías enxergou Deus governando no futuro a Babilônia” (ORTLUND 2005, p. 134). Portanto, um vigia produtivo foi a figura central para a compreensão do futuro fracasso dos babilônios e só seria possível descobrir este fracasso se houvesse alguém que se dedicasse a cumprir os comandos de manter-se atento.

No Getsêmani Jesus disse aos seus discípulos: “Vigiem e orem para que não caiam em tentação” (Mc 14.38, NVI). Neste texto, ao contrário do vigia da visão de Isaías que havia se comprometido com a tarefa, Simão, um seguidor de Jesus, preferiu se render às suas necessidades físicas ao invés de vigiar. Isso fica claro na fala de Jesus: “Você está dormindo? Não pôde vigiar nem por uma hora?” (Mc 14.37, NVI). Segundo Stein (2008, p. 663): “Enquanto o *vigiiei* em Marcos 14:37 envolvia vigiar no sentido de compartilhar a agonia e o tumulto de Jesus o *vigiiei e orai* em 14:38 refere-se à necessidade de os discípulos vigiarem e orarem por si mesmos”. Sendo assim, é possível concluir que Jesus não estava reclamando de uma necessidade real do descanso corpóreo, mas sim da falta de interesse do seu discípulo em manter-se firme, acordado e vigilante.

Parece que Simão, também conhecido por Pedro, aprendeu a lição do Getsemâni. Ou seja, ele captou a importância da vigilância e do compromisso de engajar-se com o apelo de notar, avistar e permanecer olhante. Assim disse Pedro aos seus leitores (1Pe 5.8, NVI): “Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar”. Ao comentar este trecho Jobes (2005, p. 379) comentou que: “Pedro queria que seus leitores aceitassem os tempos difíceis que estavam enfrentando, mas que ainda assim estivessem em guarda contra o desejo maligno do diabo de

tirar proveito das circunstâncias para sua própria destruição". Portanto, tanto a figura do vigia (em Isaías) quanto a prudência de vigiar (Mc 14.37-38; 1 Pe 5.8) são reflexões que os cristãos deveriam pensar, autoavaliar e viver até que Cristo venha (At 1.9-11).

Há diversos outros textos das Escrituras que poderíamos usar aqui². Porém, por motivos de espaço, buscamos por meio dos trechos acima mostrar que a vigilância é um elemento central no qual todo cristão precisar praticar. Sendo assim, este artigo buscará trabalhar esta temática refletindo sobre o trecho de Cantares 2.15. Basicamente, o nosso objetivo será responder a seguinte questão: uma vez que o verbo vigiar não aparece no verso citado, como poderíamos destacar a ideia de vigilância nele?

Para construir uma resposta responsável, será exposto de forma objetiva aquilo que Richard Lints (2022, p. 310-326) chamou de: "três horizontes da interpretação". O contexto textual (visão geral do livro e comentário exegético) temporal (como os principais temas foram interpretados ao longo da história) e canônico (correlacionaremos a ideia central de Cantares 2.15 com a temática da vigilância). Espera-se, portanto, que este texto contribua com a temática e que também fomente outras pesquisas sobre o assunto.

1. Uma proposta de unidade no livro de Cantares

Para compreender qualquer texto há pelo menos duas formas:³ A sintática onde você considera o todo para interpretar melhor as suas partes e a analítica onde você estuda as partes sem perder de vista o todo. Nesta pesquisa partiremos de uma parte e correlacionaremos com o contexto canônico. Inicialmente faremos uma análise dentro do livro de Cantares e concluiremos propondo as suas conexões com o Cânon.

É importante destacar que todo trecho bíblico tem um contexto. Ou seja, nenhum parágrafo é uma ilha (sem conexão, vazio etc.). Com isso em mente, no sentido prático, para entender um verso é preciso captar o que foi trabalhado

²A palavra vigiar, tomar cuidado, estar alerta no grego é γρηγορέω. É possível localizá-la nos seguintes textos: Mt 24.42-43; 25.13; At 20.31; 1Co 16.13; 1Ts 5.6; Ap 3.2-3.

³Para saber mais sobre isso, veja o texto: VOS, Howard. **Métodos de Estudo bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 25-38.

antes e o que foi desenvolvido depois. O contexto da passagem é fundamental porque da mesma forma que não existe ser humano sem uma história, não existe versículo sem um contexto. Nesta seção o propósito será refletir sobre o livro no seu todo. Na seção seguinte, o foco será olhar as suas partes.

Ao refletir sobre o livro na sua forma total, Murphy (1990, p. 62) levantou uma questão importante, a saber: “Existe um arranjo coerente das unidades poéticas individuais que compõem o Cântico?” Para alguns estudiosos o texto foi definido como uma coleção “solta de amor” (MURPHY, 1990, p. 62), já outros, levando em consideração as características que supostamente unem as principais unidades do livro, defenderam que a canção era um drama que poderia ser resumido em cenas centrais e por meio delas uma possível unidade ligando-as⁴.

É possível fazer a mesma pergunta de Murphy no campo da teologia? Para responder, Longman e Dillard (2006, p. 253) concluíram que o principal objetivo do livro é “exaltar o amor sexual entre um homem e uma mulher”. Ao disserem isso eles tinham em mente o contexto moderno da adoração ao sexo. Diante desta anomalia, o texto de Cantares teria, segundo os autores, muito a contribuir pois longe de promover uma bandeira hedonista, o texto fomentaria uma prática sexual ordenada (parametrizada pela Sagrada Escritura) e litúrgica (para a glória de Deus). Sobre esta última os autores chegaram a dizer que: “Embora a referência principal seja a sexualidade humana, o livro ensina sobre a nossa relação com Deus. [...] Deus tem uma aliança com o seu povo e ela é muito parecida com a aliança do casamento” (LONGMAN; DILLARD, 2006, p. 254).

Portanto, no que se refere a unidade do texto de Cantares, este pesquisador defenderá que o pano de fundo que conecta toda a carta (aqui concordamos com Exum) é a intenção divina de mostrar como o eleito (seja a igreja ou o cristão) deve se relacionar com o Deus-trino (concordando com Longman e Dillard).

⁴J. Cheryl Exum é um importante estudioso que defendeu esta ideia da unidade por meio da observação das características. Em sua opinião, essa estrutura sofisticada exclui a possibilidade de que o Cântico possa ser considerado uma coleção aleatória de poesia de amor. In: **A Literary and Structural Analysis of the Song of Songs**. N° 85, Union Theological Seminary, New York: Zeitschr. f.alttcstameatl. Wiss, 1973 p. 49.

2. A sugestão de estrutura do livro de Cantares

O livro de Cantares pode ser dividido em pelo menos seis partes. A primeira inicia-se no capítulo 1.1 e termina no 2.7. A segunda inicia-se no capítulo 2 verso 8 e vai até 3.5. A terceira parte inicia-se no capítulo 3 verso 6 e vai até 5.1. A quarta inicia-se no capítulo 5 verso 2 e finaliza no capítulo 6 verso 3. A penúltima parte inicia no capítulo 6 verso 4 e se encerra no capítulo 7 verso 13. Por fim, a última parte se encontra no capítulo 8.

Embora esta pesquisa considere a estrutura acima, isso não significa que todos os estudiosos concordem com ela. Por exemplo, Tremper Longman III (2001) dividiu o livro de Cantares em 28 poemas. Michael Fishbane (2015) assim como Elizabeth Huwiler (1999) separou em 8 blocos. Roland E. Murphy (1990) trabalhou o livro em 11 temáticas. Por fim, Richard S. Hess (2005) com pouquíssimas exceções pareceu concordar com a estrutura adotado nesta pesquisa.

A estrutura adotada nesta pesquisa será do americano Edward Curtis (2013, p. 226, 237, 250, 265, 275, 290) que dividiu o texto em 6 grandes blocos:

Parte	Tema geral	Ideia geral	Temas chaves
1.1- 2.7	Paixão, louvor e deleite	O amor de um homem e uma mulher traz paixão e prazer	<ul style="list-style-type: none">- Os amantes se deleitam um com o outro.- Os amantes elogiam um ao outro.- O louvor tem o poder de mudar as pessoas.
2:8- 3:5	O meu amado é meu, e eu sou dele	O compromisso mútuo é a chave para um relaciona- mento que funciona de acordo com a ordem de Deus.	<ul style="list-style-type: none">- Estar junto produz entusiasmo, expectativa e prazer.- A separação produz frustração e medo.- O amor deve se desenvolver naturalmente e sem coerção, e a intimidade física plena deve esperar o momento certo, o lugar certo e a pessoa certa.
3.6- 5.1	Você é linda, meu amor: Deleite e consumação	O amante elogia sua amada.	<ul style="list-style-type: none">- O amante elogia a beleza extraordinária de sua amada.- Com os olhos do amor, ele não vê nenhum defeito nela.- Seu deleite com ela aumenta sua paixão e desejo por ela.- Ele a respeita e espera que ela participe voluntariamente de suas relações sexuais.

5:2-6:3	O que há de tão especial em seu amado?	A hesitação da mulher leva a um desejo frustrado e a uma busca obstinada	<ul style="list-style-type: none"> – A resposta tardia às necessidades ou desejos de um amante pode causar a separação. – A valorização da pessoa amada motiva a reconciliação. – A confiança no compromisso mútuo traz confiança em tempos difíceis.
6:4-7:13	As delícias espetaculares do amor.	O elogio regular e repetitivo contribui significativamente para o desenvolvimento do amor	<ul style="list-style-type: none"> – Impressionados e dominados pelo amor, os amantes veem a beleza e a excelência de seu amante como algo que supera todos os outros. – Os amantes têm prazer em se entregar um ao outro. – Viver de acordo com a ordem de Deus reduz a disfunção que resulta de ignorar essa ordem.
8:1-14	O incrível poder do amor.	O amor é caracterizado por um poder impressionante e uma persistência feroz.	<ul style="list-style-type: none"> – O relacionamento entre um homem e uma mulher não pode ser forçado; ele deve se desenvolver à sua própria maneira e em seu próprio tempo. – As fronteiras e os obstáculos sociais podem frustrar o amor. – O amor deve ser dado livremente; não pode ser comprado. – O amor é tão poderoso e irresistível quanto a morte.

A luz do trabalho de Curtis, é possível identificar que o contexto em que o verso 15 do capítulo 2 se encontra é de uma relação íntima e profunda onde a separação corroboraria em frustração e medo, mas o estar juntos produziria um entusiasmo, uma esperança e prazer. É iluminado por este cenário que encontramos o seguinte verso (Ct 2.15, NAA): “Peguem as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor”.

3. Comentário exegético

Nas seções anteriores, foi exposto uma visão geral do livro de Cantares bem como uma visão das suas partes. A partir de agora, será visto com cuidado o significado de cada signo em seu idioma hebraico objetivando sua interpretação.

אָחֹזוּ־לְנוּ שׁוֹעֲלִים קַטְנִים מַחְבְּלִים כֶּרֶמִים וּכְרֵמִינוּ סָמְדָר⁵

Cantares 2.15

Ao olhar para o texto hebraico é possível notar o primeiro verbo זָהָל (qal) na sua forma imperativa. O curioso é que este verbo está conjugado na segunda pessoa do plural. Com isso, a quem a noiva estaria se referindo? De outra forma, quem seria o agente desta ação? Na **seção 4** esta questão será respondida. Neste momento, é preciso pontuar que o significado da palavra “Qal” é agarrar, no sentido de segurar com firmeza. Por fim, este verbo não está na condição de arbitrariedade, ou seja, o que precisa ser agarrado, será agarrado, quando o agente da ação quiser. Pelo contrário, o seu sentido é de ordem. Portanto, não há escolha para não agarrar. Ou agarra ou agarra.

Seguido da palavra agarrar (qal) encontra-se no texto uma preposição que indica a pessoa (ou pessoas) que será (ou serão) beneficiada pela paralização do objeto. אֲנָךְ (anachnuw), portanto, nos traz a ideia de que a ação de agarrar deve ser feito para (preposição) alguém (pronome) e este “alguém” representa “nós”. Sendo assim, a tradução mais provável seria: “agarre para nós”. O pronome se encontra na primeira pessoa do plural o que implica em perguntar: o que se entende por “nós”? É a noiva ou são os leitores que lerão e refletirão sobre isso? Será que não poderia ser a noiva e o noivo? Na **seção 4** veremos as respostas neste momento o propósito é identificar os significados e refletir sobre eles.

O próximo signo a ser estuda é o substantivo שׁוֹעֲלִים (shual). Esta palavra pode significar raposa e “talvez chacal” (BROW; DRIVÉR; BRIGGS, 1906, s/n). Na sua forma sintática, o vocábulo se encontra na terceira pessoa do plural, o que nos leva a concluir que havia duas ou mais raposas na mente do autor quando ele registrou esta palavra. Adiante é possível perceber que a expressão “raposa” se repete, mas neste segundo momento, ela é acompanhada do adjetivo קַטָּנִים (qatán)

⁵The Lexham Hebrew Bible. Versão Logos. Bellingham, WA: Lexham Press, 2012.

No que se refere a forma literária: “O verso é refinado em sua construção, em quatro partes. A primeira e a segunda estrofes, assim como a terceira e a quarta, são unidas por anadiposes. Anadiploses é uma figura retórica que consiste na repetição - no início de um verso ou frase - de uma palavra que conclui o verso ou frase anterior. As palavras šú‘ālîm [“raposas”] e kerāmîm [“vinhedos”] são repetidas. Além disso, cinco das nove palavras terminam com a forma plural -im, formando um jogo de rima e assonânciam. In: BARBIERO, Gianni. **Song of Songs. A Close Reading.** Leiden, Biston: BRILL, 2011, p. 116.

que expressa o sentido de pequeno ou jovem. Portanto, é possível defender até aqui a seguinte tradução: “Agarre para nós as raposas. As pequenas raposas”.

A terceira parte do versículo inicia com o verbo **לִכְבֹּשׁ** (*piel*). Ele aparece no plural e representa destruir ou exterminar. O significado desta palavra já ajuda na reflexão da razão pela qual as informações anteriores foram ditas. Ou seja, há raposas ou pequenas raposas e alguém está pedindo para que elas sejam agarradas antes que suas ações resultem em destruição.

Quem destrói, destrói alguma coisa. Diante disso, é preciso perguntar: que coisa é esta que ao deixar as raposas livres, sem dúvida será destruído? O alvo das raposas se encontra no signo **כֶּרֶם** (*kerem*) e significa vinha. No versículo esta palavra se encontra no plural o que resulta em traduzi-las por vinhos. Conectando essas novas informações (destruir e vinha) é possível organizar o versículo da seguinte forma: “Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas, antes que as vinhos sejam destruídos”.

Por fim, o objetivo agora será estudar a última frase do verso. O primeiro movimento será dizer que a palavra **כֶּרֶם** (*kerem*) aparece novamente, porém o objetivo não é destacar o que será destruído, mas sim dizer os motivos pelos quais ela deveria ser protegida. Com isso em mente, chegamos ao segundo movimento que é descobrir o signo que destaca a importância de manter a vinha intacta. A palavra, portanto, é **סְמִידָץ** (*tzitz*) que significa flor. Sendo assim, as vinhos deveriam ser protegidas porque ela já se encontrava com flores. Com os últimos signos analisados, a tradução que usaremos nesta pesquisa será: “Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas, antes que as vinhos sejam destruídas pois elas já estão com flor”.

Antes de avançarmos, se faz necessário esclarecer o que tínhamos em mente quando trabalhamos esta seção. Buscamos seguir dois conselhos dado pelos autores Stuart e Fee. O primeiro foi atender ao seguinte apelo “uma exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega a uma interpretação⁶ útil” (STUART; FEE, 2008, p. 23). Com esse

⁶A palavra interpretação significa três movimentos: traduzir, explicar e interpretar (como um ator). Para saber mais, veja: AGOSTINHO, A **doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, e PALMER, Richard. **Hermenêutica**. Lisboa, Portugal: Edições 70. Neste caso, estamos usando a ideia de tradução.

conselho em mente, buscamos analisar cada vocábulo degustando um por um a fim de chegarmos a uma interpretação (hermêneú) razoável: “Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas, antes que as vinhas sejam destruídas pois elas já estão com flor”. O segundo e último conselho gira em torno do seguinte apelo: “procure certificar-se de que a passagem que escolheu para fazer exegese é de fato uma unidade completa independente (às vezes, chamada de perícope)” (STUART; FEE, 2008, p. 31). Mesmo diante de um versículo, de acordo com alguns estudiosos, este trecho respeita as características apontadas pelos autores, ou seja, este verso é uma perícope.

Uma vez estudado o contexto textual, passemos agora para uma proposta de explicação deste texto. Esse será o movimento da próxima seção.

4. Comentário temporal

Na seção anterior buscamos interpretar o texto objetivando a sua tradução. Ou seja, partindo do texto hebraico degustamos todos os signos e refletimos sobre as suas conexões. Agora, buscaremos interpretar o texto objetivando a explicação. De outra forma, será respondido a seguinte pergunta: como poderíamos explicar esse texto, tendo em vista a ideia central de Cantares, o contexto imediato e sua a tradução? Para dar conta do propósito, pediremos ajuda aos estudiosos que ao longo da história refletiram sobre esse texto.

Estruturaremos a seção em duas subseções: a primeira que envolve a frase “Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas”; e a segunda, “antes que as vinhas sejam destruídas pois elas já estão com flor”.

4.1. Comentários iniciais

Algumas perguntas foram feitas na **seção 3** e gostaríamos de iniciar esta série de subseções respondendo-as. O motivo de fazê-las se deu, pois, alguns estudiosos demonstraram certa dificuldade com este verso (2.15). Segundo alguns, este trecho é um fragmento “solto e de difícil interpretação” (ALTER, 2015, p. 33). Outros confessaram a dificuldade do texto, mas não defenderam que o verso se encontrava solto sem um objetivo autoral. Para eles: “O versículo era muito difícil na interpretação do seu contexto” (MURPHY; HUWILER, 1999, P. 259). Hess (2005, p. 91) pareceu concordar com Murphy e Huwiler quando disse que: “O versículo 15 não dá nenhuma dica sobre se ele pertence ao discurso do homem ou

da mulher". Em contrapartida, aos refletir sobre a mesma questão, Longman III (2001, p. 363) afirmou o seguinte: "Na superfície a imagem que o versículo evoca é bastante fácil de entender".

Exum (2005, p. 130) pareceu seguir a mesma linha de Longman III. Ao comentar sobre o trecho ele disse que: "A interpretação se encaixa com a imagem geral que o texto de Cantares nos dá, ou seja, de uma sociedade na qual a liberdade de movimento do homem é maior do que a da mulher, bem como sua imagem do amor como algo que as mulheres dão e os homens recebem". Embora discordemos do pano de fundo geral (mais social do que teológico) destacado por Exum, seu comentário apontando para uma conexão do verso com a imagem geral de Cantares é digno de nota. Portanto, já que há conexão da perícope (2.15) com o contexto do livro de Cantares, passemos agora a resposta das perguntas.

A primeira pergunta que fizemos foi: A quem o autor estaria se referindo quando escreveu: Agarre? Quem seria o agente desta ação? Segundo alguns estudiosos, esta expressão foi dita de forma retórica: "É mais provável que a noiva as diga. O imperativo masculino plural "agarre as raposas" é provavelmente um imperativo retórico, dirigido a ninguém em particular" (GLEDHILL, 1994, p. 231). Já Barbiero (2011, p. 116), ao comentar sobre o verbo hebraico יִנְחַשׁ (Gal) concordou com o artifício retórico, mas seu objetivo foi mostrar que a noiva é a responsável por agarrar as raposas: "Se é a mulher que está falando, por que ela usa o plural? [...] Seria possível, entretanto, entender o plural como uma forma retórica para o singular". Adotaremos a posição de Barbiero. Conforme exposto na **seção 2**, há uma conexão entre os versos 14 a 16. Eles estão dentro da temática do compromisso mútuo, compromisso esse que é a chave para um relacionamento que funciona de acordo com a ordem de Deus.

A segunda e última pergunta que ficou em aberto foi: O que se entende por "nós"? É a noiva, o noivo ou os leitores que lerão e refletirão sobre isso? Tendo como base a grande temática que abrange e inclui o verso 15, poderíamos responder que "nós" significa o Noivo e a noiva. Uma das razões do porquê defendemos isso é que segundo Hess (2005, p. 91) a expressão "agarre" foi dita tanto pela noiva quanto pelo Noivo: "O versículo 15 não dá nenhuma dica sobre se ele pertence ao discurso do homem ou da mulher. [...] Portanto, parece melhor anexar isso às palavras do casal, um intermezzo que ambos cantam". Com isso, se ambos

participam do coro que defende a prisão das raposas, o signo “nós” está estritamente ligado ao casal.

4.2 Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas

A luz do que vimos até agora parece seguro dizer que as palavras “raposas” e “vinhas” são centrais para compreender o verso. Nesta subseção estudaremos as raposas e suas implicações. Na próxima, finalizaremos refletindo sobre as vinhas.

O que as raposas representam? Embora pareça uma pergunta fácil afinal, raposa representa raposa, veremos que ao longo da história houve diversas sugestões interpretativas. Do ponto de vista judeu, por exemplo, o rabino Berekhiah (*Apud FISHBANE*, 2015, p. 77) chegou a dizer que as raposas eram “os quatro impérios” (Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma) que subjugaram os judeus na antiguidade”. Já o estudioso Aloabaidi (2010, p. 198) concluiu que as raposas designavam “os hereges judeus que havia abandonado o judaísmo”. Hess (2005, p. 92) afirmou que é possível encontrar “as raposas vilãs em poemas egípcios” o que nos leva a concluirmos que tanto os judeus quanto os egípcios defendiam que era necessário ter cuidado com as raposas.

Avançando um pouco na história, a palavra raposa ganhou outros significados. Gregório de Nissa (2012, p. 177), por exemplo interpretou como diabo, ou seja, como aquele que: “era o grande dragão, o apóstata, o governador das trevas que tem o poder da morte”. Curtis (2012, p. 241), parece ter se concentrado no enredo maior de Cantares quando concluiu que as raposas representavam aqueles homens mulherengos que poderiam atrapalhar a relação entre o noivo e a noiva.

⁷O argumento de Berekhiah reflete exatamente o que pode ser encontrado no Midrash: “O Midrash Rabbah interpretou de forma semelhante as raposas como vários inimigos de Israel, os egípcios, os assírios, os amorreus, os edomitas” in: (*Apud POPE*, 1977, p. 403). O próprio contexto canônico nos traz uma ideia de raposos/chacais como povos vizinhos: “Porque o monte Sião está desolado; os chacais andam por ele de um lado para outro” (Lamentações 3.15). Ameaçado pelo contexto externo, Jesus classifica o opositor como raposa: “Naquela mesma hora, alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Saia e vá embora daqui, pois Herodes quer matá-lo”. Ele respondeu: “Vão dizer àquela raposa: Expulsarei demônios e curarei o povo hoje e amanhã e no terceiro dia estarei pronto” (Lucas 13.31-32).

Com suas palavras: “As raposas podem ser os mulherengos⁸ que poderiam atrapalhar o relacionamento por meio de suas intenções imorais em relação à moça. Certamente o relacionamento poderia ser afetado negativamente se o amante dela estivesse envolvido em tal comportamento”. Por fim, Murphy e Huwiler (1999, p. 259) concordaram com Curtis e interpretaram as raposas da seguinte forma: “As raposas - gramaticalmente masculinas - sugerem uma ameaça dos homens (ou talvez da sexualidade masculina) à sexualidade feminina ainda não frutífera”.

Conforme vimos nos comentários iniciais da **seção 4** adotamos uma posição que tanto o noivo quanto a noiva haviam discursado a importância de agarrar as raposas. Nesta subseção descobrimos as razões pelas quais o casal havia conclamado por atenção, afinal, seja o diabo, o herege, a sociedade ou os mulherengos, a raposa tinha uma intenção. Falaremos mais sobre isso na próxima subseção.

4.3 Antes que as vinhas sejam destruídas pois elas já floresceram

Literalmente, o próprio texto já responde a intenção da raposa: elas querem destruir as vinhas. Mas o que se entende por vinha e por consequência por flor? A grande parte dos comentaristas defendem que a vinha significa “o ato sexual”⁹, ou seja, os próprios corpos quando se relacionam intimamente e a flor nada mais é do que “o amor presente”¹⁰ nesta relação. Fishbane (2015, p. 77), por exemplo,

⁸Segundo Akhenaten “Na antiga poesia de amor egípcia a raposa ou especialmente a jovem raposa é uma metáfora para um grande amante ou mulherengo. Em uma dessas canções egípcias, a jovem diz: “Meu coração ainda não está satisfeito com seu amor, minha pequena raposa”. In: *Apud KEEL, Othmar. The Song of Songs*. Minneapolis: Fortress Press, 1986, p. 247.

⁹“A vinha é uma metáfora do corpo da mulher, bem como uma imagem de sua união amorosa”. In: HESS, Richard S. **Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2005, p. 92. Veja também p. ex: MURPHY, Roland E; HUWILER, Elizabeth. Grand Rapids: Baker Publishing Group 1999, p. 259; FISHBANE, Michael. The JBS Bible Commentary. **Sons of Sons**. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2015, p. 77-78; NOWELL, Irene. **Song of Songs, Ruth, Lamentations, Ecclesiastes, Esther**. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2013, p. 28.

¹⁰Veja p. ex: HESS, Richard S. **Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2005, p. 92.; KEIL, C. F; DELITZSCH, Franz. **Commentary on Song of Solomon**. Kindle: 2014, p. 69-70.

chegou a classificar esse casal como figura publica: “O casal é público em seu amor e compartilha de um vinhedo (de um relacionamento)”.

Curtis (2012, p. 241) concluiu falando que as raposas (como mulherengos) poderiam atrapalhar o relacionamento pois suas intenções giravam em torno dos desejos imorais objetivando, portanto, um: “problema no relacionamento dos noivos”. Mas as vinhas não possuem apenas um significado do ato em si, mas também da aliança que lhe é inherente. Ao dizer isso, temos em mente a fala do teólogo Delitzsch (2014, 60-70) que disse: “Os vinhedos belos indicam a aliança de amor; e as raposas indicam todos os grandes e pequenos inimigos e circunstâncias adversas que ameaçam roer e destruir o amor em flor”.

Embora por meio da flor as raposas pudesse saber que aquela vinha contém uva, a intenção delas era exatamente destruir o amor (flor) para ficar com aquilo que a vinha (o ato ou a aliança) produz, a saber o seu fruto. Foi assim que Barniero (2011, p. 116,119) concluiu: “As raposas são ávidas pelas uvas e não pela flor [...] elas são provavelmente os rivais do amado que está no processo da corte e, sem dúvida, anseiam em perturbam o amor do casal”. Por gostarem de uvas, Clarke (1997, p. 1996) contribuiu dizendo que quando as raposas são vistas muito gordas, isso é sinal de que elas “comeram as uvas”.

Portanto, esse era o desejo dos inimigos dos noivos, eles queriam adentrar entre eles para destruí-los. Eis aqui a importância de vigiar. Mas, como seria possível se proteger do inimigo? Esse será o assunto da próxima seção.

Comentário canônico

Antes de mais nada é importante resgatar o que vimos no terceiro e quarto parágrafo da **subseção 4.1**. Ali deixamos claro que defenderíamos que a perícope (2.15) não está solta mais pertence a uma história maior do livro de Cantares e envolve uma vivência entre duas pessoas. Também dissemos que (veja a página 8): “se ambos participam do coro que defende a prisão das raposas, o signo “nós” estaria, portanto, estritamente ligado ao casal”.

Talvez os futuros leitores deste artigo perguntam por que reforçamos isso. Longe de queremos ser prolixos, na verdade defenderemos que para nos proteger dos inimigos que buscam afetar o nosso relacionamento com Jesus, precisamos estar nele ou seja no evangelho. Note que nas seções anteriores nos concentramos na interpretação do texto. Por isso, grosso modo, poderíamos dizer

que o verso 2.15 ensina a igreja universal a vigiar em seu relacionamento com Jesus pois os dias são maus e muitos querem destruir este relacionamento. Sendo assim, tanto os leitores da época de Salomão quanto os leitores [pós] modernos precisam vigiar.

Mas antes de finalizarmos de forma prática, é mister compartilhar como os comentaristas aplicaram o verso que estamos estudando. Segundo Pope (1977, p. 403), a igreja sempre sofreu com perseguições: “Ela nunca teve falta de inimigos raivosos internos ou externos para estragar a vinha aos quais esse versículo poderia ser aplicado”. Como proposta prática, Pope (*ibidem*, p. 403) foi até mais otimista com os perseguidores e claramente, ao nosso ver, já tinha em mente a obra da redenção: “O pedido do casal não foi de matá-los, nem mesmo de expulsá-los, mas sim de apanhá-los, ou seja, de convencê-los dos seus erros e convertê-los”.

Fishbane (2015, p. 77) não só buscou aplicar o texto, mas também contribuiu com o nome¹¹ deste artigo pois, segundo ele, o texto nos leva a refletir sobre o: “amadurecimento que deve ser nutrido dentro do casal e a vigilância espiritual que deve ser adquirida e mantida”. Indo na mesma direção, Griffiths (2011, p. 247) concluiu que a intenção de Salomão foi mostrar que a noiva tinha e tem tarefas a fazer diante desta relação com o noivo: “Essa leitura nos mostra a amada como cooperadora do Senhor, como alguém que tem um trabalho a fazer no mundo”. É importante também dizer que, acertadamente, Griffiths (*ibidem*, p. 250) defendeu que o compromisso da noiva era “ser luz para as nações”. No entanto, ser luz para as nações demanda, nos termos de Salomão apanhar as raposas que tem devastado os povos vizinhos, levando-os a adorar os deuses que eles mesmo fabricavam. Ser luz é manter as vinhas protegidas com suas uvas intactas e a flor embelezando o empreendimento da vigilância.

Outro estudioso que concluiu o verso 2.15 como um ensinamento da vigilância foi Duguid. Segundo ele (2016, p. 81): “A sabedoria bíblica falava da pureza como a vigilância das flores em um vinhedo. Cuidar de um vinhedo é um processo longo que demanda paciência, espera e observação no qual um fracasso pode resultar na destruição”. Ryken (2019, p. 57), em certo sentido, concordou com Duguid quando disse que: “Todo relacionamento romântico precisa de proteção.

¹¹Foi após a leitura do seu texto que decidimos escrever sobre a vigilância a luz do verso de Cantares 2.15.

Os relacionamentos iniciantes precisam ser protegidos dos muitos ataques que Satanás faz". Portanto, segundo os comentaristas, ficou claro o destaque dado no que se refere ao cuidado e a vigilância.

Se ampliarmos o nosso olhar a respeito da importância de vigiar, encontrariamos diversas passagens no enredo bíblico. No contexto pós-redenção, o Apóstolo Paulo alerta a igreja de corinto sobre os falsos apóstolos: "Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo" (2 Coríntios 11:13). O autor de Hebreus chegou a dizer que a própria comunidade cristã deve vivenciar um contexto de apoio comunitário, com o objetivo de levar os cristãos a protegerem diariamente os seus relacionamentos com o Noivo: "Antes, exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado; Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim" (Hebreus 3.13-14).

Assim como para manter o relacionamento amoroso os noivos precisaram clamar juntos por socorro – vimos na **seção 4**, assim deve ser a vida de todo cristão moderno. Pelos méritos de Cristo podemos nos relacionar com Iavé (Efésios 1.1-14) e nos manter pela obra do seu Espírito. Portanto, a pergunta a ser feita é quem se colocará como aquele vigia do texto de Isaías (13.1-27)? Ou quem, em nossos dias, seguirá o conselho de Simão (1Pedro 5.8)? Ainda hoje, a raposa continua e continuará buscando atacar a vinha. Os inimigos sempre buscarão romper – com suas sugestões naturais, o nosso relacionamento com Deus. "O secularismo sempre buscará atacar o cristianismo"¹²

Portanto, mesmo que o verbo "vigiar não apareça no verso 2.15, a ideia de agarrar pode, ao nosso ver, representar o empreendimento da vigilância. Ao afirmar isso, pressupomos que para agarrar é necessário notar que há raposas. Ao notar, é como se estivéssemos no lugar daquele vigia da visão de Isaias. Sendo assim, como instou o Cristo (Marcos 14:37): "vigiemos!". Atentemo-nos as raposas que nos cercam pois em Cristo as vinhas estão em flor.

¹² Para saber mais, veja: KELLER, Timothy. **Deus na era secular**. Como céticos podem encontrar sentido no cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2018. KELLER, Timothy. **Pregação**. Comunicando a fé na era do ceticismo. São Paulo: Vida Nova, 2017, p.115-140.

Considerações finais

Atualmente, a igreja universal se encontra num contexto em que a flor já está sobre a vinha. Temos o Evangelho (a expressão inefável do amor) e por meio dele podemos nos relacionar (vinhas) com Deus. Porém, ainda existem raposas que visam destruir as vinhas e roubar as uvas¹³. Portanto, finalizaremos este artigo propondo um olhar para aquilo que chamaremos de “raposa moderna”¹⁴.

Na seção 4 vimos que ao longo da história as raposas foram interpretadas como (p. 8): “o diabo, o herege, a sociedade ou os mulherengos”. Em nossos dias, gostaríamos de propor uma nova raposa, a saber: o coração. Ao pensar nesses termos, estamos seguindo os conselhos dados por Jerry Bridges (2023, p. 231): “Para vigiar contra a tentação, precisamos estar cientes de suas fontes e seu modo de agir”. Madiureira (2017, p. 219) concordando com Anthony Hoekema disse que: “O coração é o centro do mundo interior”. Aplicando isso ao tema desse artigo, o que estamos querendo dizer é que os cristãos modernos precisam se autovigiar. Explicaremos.

Nem sempre as raposas estarão fora de nós. Diariamente é preciso também olhar para o coração e apanhar as raposas oriundas da sua deliberação. “Por mais perigosos que seja o mundo e o diabo, nenhum deles é o nosso maior problema. Nossa maior fonte de tentação reside em nós mesmos” (BRIDGES, 2023, p. 232). O filósofo dinamarquês Soren Kiergaard (*Apud*, KELLER, 2014, p. 18-19) afirmou que: “É normal o coração humano criar suas identidades em torno de algo que não seja Deus”.

Em termos práticos, como poderíamos visualizar essas raposas, pequenas raposinhas? Na sua obra: *Na estrada com Agostinho*, James K. A. Smith (2020, p. 17-19) citou alguns exemplos:

Pode ser a juventude. Pode ser o seu complexo de inferioridade. Podem ser os seus anseios dos antepassados, cujo desejos penetraram em seus ossos, forçando

¹³ É importante destacar que a flor que está sobre as vinhas, a saber, o evangelho, é indestrutível. Tudo ao seu redor poder sofrer alterações, mas o Evangelho continua e continuará o mesmo.

¹⁴Para entender um pouco do contexto da raposa moderna, veja a obra: ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica.** Um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.

você a seguir em frente. Pode ser a solidão. Pode ser sua atração inexplicável por garotas rebeldes o a euforia ainda desconhecida da transgressão e a esperança de sentir algo. Pode ser autodepreciação que sempre esteve estranhamente ligada a um desejo espiritual. [...] Partimos porque estamos procurando. Por algo. Por alguém. Partimos porque desejamos alguma outra coisa, algo a mais. Partimos para buscar um pedaço de nós que está faltando. Ou caímos na estrada para abandonarmos nós mesmos e reformular quem somos. [...] Estamos sempre mudando, inquietos, buscando vagamente algo em vez de focarmos em um destino.

Obviamente que não podemos reduzir as raposas do mundo interior neste diagnóstico feito pelo Smith. Mas também não podemos fingir que ele seja falso. Só há um elemento que pode manter o nosso relacionamento com Deus: o Evangelho. Quando, pelos méritos de Cristo, apanhamos as raposas, evidenciamos para o mundo exterior e interior que amamos o Evangelho. Sobre a obra do Espírito Santo caminhamos com Deus rumo ao destino. Mas as raposas continuam em nós.

Portanto, essa simples provocação não pode se esgotar aqui. Há muito para se pensar a respeito da raposa moderna. Aqui fica um barbante solto para futuras pesquisas. Finalizamos rogando para que os cristãos tenham a humildade de reconhecer que todos nós podemos ser essas raposas que precisam ser apanhadas. Mas sendo as raposas, o diabo, o mundo, os hereges ou a si mesmo: “Agarre para nós as raposas, as pequenas raposas, antes que as vinhas sejam destruídas pois elas já estão com flor”. De outra forma, vigiemos, pois o nosso coração quer nos roubar.

Referências bibliográficas

- ALTER, Robert. **Strong as death is love.** The Song of Songs, Ruth, Esther, Jonah, and Daniel: a translation with commentary. Avenue, New York: W. W. Norton & Company, 2015.
- ALOBAIDI, Joseph. **Old Jewish Commentaries on the Song of Songs.** The Commentary of Yefet ben Eli. Great Britain: Peter Lang, 2010.
- BRIDGES, Jerry. **A disciplina da graça.** São Paulo: Vida Nova, 2023.
- BROW, Francis; DRIVER, S.R; BRIGGS, Charles. **The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament.** Houghton, Mifflin: Company Whitake, 1906.

- KEIL, C. F; DELITZSCH, Franz. **Commentary on Song of Solomon**. Kindle: 2014.
- BARBIERO, Gianni. **Song of Songs**. A Close Reading. Leiden, Biston: BRILL, 2011.
- CLARKE, Adam. Clarke's **Commentary AT**. Volume: Job-Song of Solomon. Albany, Oregon: AGES, 1997.
- CURTIS, Edward M. **Ecclesiastes and Song of Songs**. Grand Rapids: Baker Publishing Group: 2012.
- DILLARD, Raymond B; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006.
- DUGUID, Iain M. **Song of Songs**. Phillipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2016.
- EXUM, J. Cheryl. **A Literary and Structural Analysis ofthe Song of Songs**. N° 85, Journal Zeitschr. f.alttcstameatl. Wiss. New York: Union Theological Seminary, 1973.
- _____. **Song of Songs**. A Commentary. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2005.
- FISHBANE, Michael. **The JBS Bible Commentary**. Sons of Sons. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2015.
- GRIFFITHS, Paul J. **Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2011.
- GLEDHILL, Tom. **The Message of the Song of Songs** (The Bible Speaks Today Series). Downers Grove, IL: InterVarsity 1994.
- HESS, Richard S. **Song of Songs**. Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2005.
- JOBES, Karen H. **1 Peter**. Baker exegetical commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2005.
- KELLER, Timothy. **Ego transformado**. A humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- LINTS, Richard. **Introdução à teologia evangélica**. Uma análise do tecido teológico. São Paulo, Edições Vida Nova, 2022.
- LONGMAN III, Tremper. **Song of songs**. The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2001.
- MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

- MURPHY, Roland E. **The Song of Songs**. Minneapolis, Fortress Press, 1990.
- _____ ; HUWILER, Elizabeth. **The Song of Songs**. Grand Rapids: Baker Publishing Group 1999.
- NYSSA, Gregory of. **Homilies on the Song of Songs**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.
- ORTLUND, JR, Raymond C. **Isaiah**. God Saves Sinners. Wheaton, Illinois: Crossway, 2005.
- POPE, Marvin H. **Song of songs**. Garden city, New York: The Anchor Bible, 1977.
- RYKEN, Philip Graham. **The Love of Loves in the Song of Songs**. Wheaton, Illinois: Crossway Books, 2019.
- STEIN, Robert H. **Mark**. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008.
- STUART Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese Bíblica**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.
- SMITH, James K. A. **Na estrada com Agostinho**. Uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.



Gedimar dos Santos

Sobre o autor

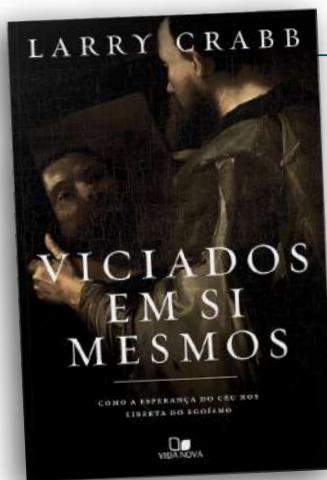
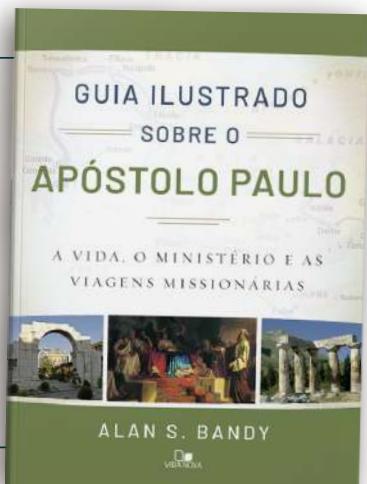
Professor de Teologia e Filosofia no Seminário Betel Brasileiro. Formado em Teologia pelo Betel Brasileiro. Mestre em Hermenêutica pelo Betel Brasileiro. Mestrando em Divindade no Seminário Martin Bucer e bacharelando em Filosofia pela Universidade Mackenzie. Atualmente, é editor-chefe da Revista Reflexão Teológica e Missiológica, organizador do projeto de pesquisa: Pensamento e obra de John Webster e membro do conselho pedagógico do Betel Brasileiro em São Paulo.

Lançamentos:

Guia Ilustrado sobre o apóstolo Paulo
A vida, o ministério e as viagens missionárias

Alan S. Bandy | 17x23 cm | 224 p.

Baseando-se no livro de Atos e nas muitas cartas escritas por ele, bem como em fontes históricas e arqueológicas, esse livro ricamente ilustrado explora os contextos sociocultural, político e religioso do mundo romano do primeiro século, nos quais Paulo viveu e ministrou. Também lança luz sobre lugares que ele visitou e pessoas que conheceu ao longo do caminho. E, o que é mais importante, nos ajuda a entender como e por que Deus usou Paulo de maneiras tão extraordinárias.



Viciados em si mesmos
Como a esperança do céu nos liberta do egoísmo

Larry Crabb | 14x21 cm | 160 p.

Desde a saída do jardim do Éden, todo ser humano já chega ao mundo com o vício obstinado de buscar seu próprio bem-estar. Vivemos, então, viciados em satisfazer todos aqueles anseios que somos incapazes de recusar ou de reprimir. Até aprendermos a guardar avidamente o céu, quando todos os nossos anseios serão satisfeitos de forma plena e eterna, viveremos propensos a um único objetivo: fazer a vida funcionar de acordo com o nosso desejo.

Uma história da obra da redenção

Jonathan Edwards | 16x23cm | 304 p.

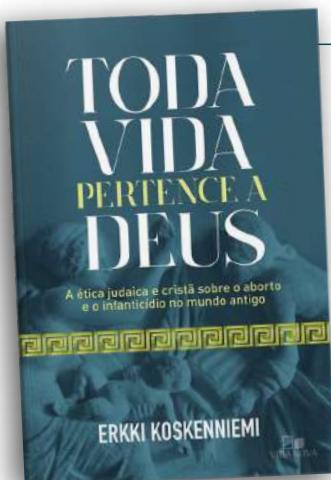
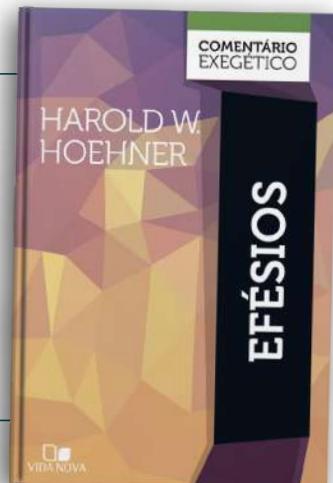
Edwards considerava essa obra o ápice de todo o seu trabalho ao longo da vida. Seu objetivo foi escrever uma teologia sistemática usando um "método inteiramente novo". Esse novo método acabou contribuindo para o que talvez seja o primeiro tratado de teologia bíblica na história da igreja cristã. Ele desejava que todos soubessem que a Bíblia tem uma mensagem e um propósito — revelar à humanidade o único plano de redenção que se desdobrou nas Escrituras, desde a primeira até a última página da Bíblia.



Efésios: comentário exegético

Harold W. Hoehner | 16x23 cm | 1120 p.

Depois de uma introdução magistral e abrangente à Carta de Efésios, o autor inclui uma ampla e detalhada bibliografia para estudos aprofundados da carta e então mergulha no texto de Efésios versículo por versículo, fornecendo o texto grego, a tradução e o comentário em detalhes. Ele interage extensivamente com a mais recente erudição e apresenta uma análise adequada e profunda de cada questão debatida no livro.



Toda vida pertence a Deus

A ética judaica e cristã sobre o aborto e o infanticídio no mundo antigo

John C. Lennox | 14x21 cm | 576 p.

Essa obra apresenta os textos mais importantes que trataram várias vezes ao mesmo tempo da exposição e do aborto. Os textos são interessantes, às vezes chocantes. Esse livro não trata de fenômenos modernos, mas se espera que apresente uma nova perspectiva para os debates de hoje. Ele foi escrito para pessoas que lutam com a questão do valor da vida humana nas fases iniciais, para pastores, bem como para mestres e médicos.

História da filosofia e teologia ocidental

John M. Frame | 16x23 cm | 1184 p.

Essa obra é fruto de quarenta e cinco anos de ensino de John Frame sobre temas filosóficos. Nenhuma outra investigação da história do pensamento ocidental oferece a mesma mistura revigorante de clareza expositiva, insight crítico e sabedoria bíblica. Complementada por guias de estudo, bibliografias, links para citações famosas de pensadores influentes, vinte apêndices e um capítulo de glossário, esse livro que ganhou o prêmio Gold Medallion Book Award é uma excelente escolha como manual para cursos de nível universitário, seminários e estudo pessoal.

